

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

SAYONARA AGUIAR RIBEIRO

INTER(ROMPIDOS):

ANÁLISE DAS COBERTURAS DO G1 E JORNALISTAS LIVRES SOBRE A
TRAGÉDIA EM BENTO RODRIGUES (MG)

VIÇOSA

2017

SAYONARA AGUIAR RIBEIRO

INTER(ROMPIDOS):
ANÁLISE DAS COBERTURAS DO G1 E JORNALISTAS LIVRES SOBRE A
TRAGÉDIA EM BENTO RODRIGUES (MG)

Monografia apresentada ao Curso de
Comunicação Social/ Jornalismo da
Universidade Federal de Viçosa,
como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Henrique Moreira
Mazetti

VIÇOSA - MG
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO DA UFV
2017

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada Inter(rompidos): Análise das coberturas do G1 e Jornalistas Livres sobre a tragédia em Bento Rodrigues (MG), de autoria da estudante Sayonara Aguiar Ribeiro, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. MSc. Talita Iasmin Soares Aquino
Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Marcel Henrique Angelo
Jornalista da Divisão de Divulgação Institucional da UFV

Viçosa, 01 de dezembro de 2017.

O Rio? É doce.

A Vale? Amarga.

Ai, antes fosse

Mais leve a carga.

Entre estatais

E multinacionais,

Quantos ais!

A dívida interna.

A dívida externa

A dívida eterna.

Quantas toneladas exportamos

De ferro?

Quantas lágrimas disfarçamos

Sem berro?

(Carlos Drummond de Andrade)

AGRADECIMENTOS

A parte de escrita mais difícil desta pesquisa, sem dúvidas, é esta. São tantas pessoas e tantos momentos para agradecer que fico receosa de esquecer alguém.

Mãe e pai, peço licença para agradecer primeiro à Deus, vocês, mais do que eu, sabem que sem Ele eu não conseguiria enfrentar essa batalha.

Faltam-me palavras para agradecer minha mãe, Rejane, por ter me dado todo o suporte, carinho e colo, e, por saber a hora exata de também dar aquele puxão de orelha quando precisei. Agradeço ao meu pai, Domiciano, por sempre me incentivar, pregando palavras de entusiasmo e me colocando num pedestal. Ao meu irmão, Murilo, por segurar a barra do outro lado, mostrando que irmandade e companheirismo não se paga, meu muito obrigada!

Minha vó, Jaully, por ser exemplo de mulher para mim, marcando presença mesmo de longe, orando sempre por mim, concedo todo meu amor e gratidão.

Aos meus tios, principalmente ao meu tio Anderson, que foi morar no céu, todo meu reconhecimento e agradecimento por torcerem por mim.

Aos meus afilhados, que são meu coração fora do corpo, o meu eterno amor! Isso tudo também é por vocês!

Aos demais familiares, aos amigos de longa data, aos novos amigos, à COM14 – em especial ao Isac, Ellen e Mari, às desgras, e, principalmente às minhas companheiras de república: Cissa, Du e Carol, que estão sempre presentes nos momentos bons e ruins, o meu obrigada, de todo coração! Vocês, meus amigos, também são minha família.

Agradeço à Viçosa, a Intermídia, ao DCM e à UFV por me darem raízes quando eu cheguei e asas, agora, que preciso partir.

Agora chegou a hora de agradecer à quem me fez acreditar nesse projeto e a quem tanto contribuiu para que ele saísse no papel. Ao meu orientador Henrique por toda a compreensão, orientação e, principalmente, por entender meus limites e acolhê-los, a minha eterna gratidão. À Talita e Marcel por aceitarem, tão prontamente, a embarcar nessa aventura comigo, todo meu carinho e muitíssimo obrigada!

Gostaria de demonstrar pessoalmente a todos a minha gratidão, mas como não é possível, espero que essas palavras bastem, afinal, “palavras são, na minha não tão humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia”. (Alvo Dumbledore)

RESUMO

A mídia divulga, cada vez mais, questões que envolvem a discussão do meio ambiente. A internet é uma grande facilitadora dessa repercussão. A ocorrência de desastres ambientais tem se tornado frequente e, devido à preocupação da população com o meio ambiente e seus recursos, os meios de comunicação tem se dedicado a explorar essas vertentes em suas publicações, construindo coberturas jornalísticas sobre esses assuntos. A tragédia que assolou a população de Bento Rodrigues, distrito de Mariana – Minas Gerais, foi considerada o maior desastre ambiental brasileiro. Devido a isso, várias plataformas de comunicação, até aquelas com interesses diferentes – como o portal G1 e o coletivo Jornalistas Livres – produziram coberturas sobre o assunto. Nesse contexto, a proposta deste trabalho é analisar se as coberturas destes dois tipos de mídia – o G1 representando a mídia comercial e o Jornalistas Livres representando a mídia alternativa – se diferenciam em um ou mais pontos.

Palavras-chave: cobertura jornalística; mídia hegemônica; mídia comercial; análise de conteúdo; Bento Rodrigues; G1; Jornalistas Livres.

ABSTRACT

The media are increasingly releasing issues surrounding a discussion of the environment. The internet is a great facilitator of this repercussion. The occurrence of environmental disasters has become frequent and, due to the population's concern about the environment and its resources, the media has been dedicated to exploring these aspects in their publications, building journal coverage on issues. The tragedy that devastated a population of Bento Rodrigues, district of Mariana – Minas Gerais, was considered the biggest Brazilian environmental disaster. Because of this, various communication platforms, even those with different interests – such as the G1 portal and the collective Free Journalists – have produced coverages on the subject. In this context, a project of work and analysis as coverages of these two types of media – the G1 representing a commercial media and Free Journalists representing an alternative media – differ in one or more points.

Key words: news coverage; hegemonic media; commercial media; content analysis; Bento Rodrigues; G1; Free Journalists.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Lista das matérias selecionadas.....	31
Tabela 02: Protocolo de análise.....	34

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Categoria contexto - G1.....	61
Gráfico 02: Categoria contexto - Jornalistas Livres.....	61
Gráfico 03: Local de apuração - G1.....	62
Gráfico 04: Local de apuração - Jornalistas Livres.....	62
Gráfico 05: Forma que a informação foi recebida - G1.....	63
Gráfico 06: Forma que a informação foi recebida - Jornalistas Livres.....	63
Gráfico 07: Categoria fontes - G1.....	65
Gráfico 08: Categoria fontes - Jornalistas Livres.....	65
Gráfico 09: Categoria fontes - G1.....	66
Gráfico 10: Categoria fontes - Jornalistas Livres.....	66
Gráfico 11: Categoria formato dos conteúdos - G1.....	67
Gráfico 12: Categoria formato dos conteúdos - Jornalistas Livres.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - MÍDIA E PODER.....	13
1.1 – Mídia alternativa e mídia hegemônica: contraposições.....	13
1.2 – Comunicação e jornalismo alternativo.....	15
1.3 – Internet e ativismo.....	18
 CAPÍTULO II – JORNALISMO AMBIENTAL: DO TÍMIDO SURGIMENTO AO PAPEL DE PAUTAR COBERTURAS.....	 25
 CAPÍTULO III – METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO OBJETO.....	 29
 CAPÍTULO IV – POR TRÁS DAS NOTÍCIAS: ANÁLISE DAS ESTRUTURAS DAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS DO G1 E JORNALISTAS LIVRES.....	 36
4.1 – Apresentação e codificação dos conteúdos.....	36
4.1.1 – Matérias do portal G1.....	36
4.1.2 – Matérias do coletivo Jornalistas Livres.....	52
4.2 – Análise de conteúdo.....	60
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 70
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 73

INTRODUÇÃO

05 de novembro de 2015, aproximadamente às 16 horas e 20 minutos, uma barragem (conhecida como barragem do Fundão), localizada em Bento Rodrigues (distrito de Mariana) – MG rompeu-se causando o maior desastre ambiental brasileiro.

A barragem de rejeitos de minério era controlada pela Samarco Mineração S.A., que pertence a um dos maiores conjuntos de empresas de mineração mundial, sendo integrada nos quadros empresariais da brasileira Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton.

Além de atingir o distrito e a cidade de Mariana, outros municípios – nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo – foram afetados e, o Rio Doce, que abrange mais de 230 cidades foi poluído pelos rejeitos, prejudicando a captação de água e também o ecossistema que ele abriga. E mais que isso, a tragédia deixou um número de 19 mortos.

A partir do rompimento da barragem foram surgindo diversas informações sobre o estado em que se encontravam os moradores locais, as construções e as cidades vizinhas que também estavam sendo devastadas. O acesso ao local era muito difícil, os sobreviventes foram resgatados por helicóptero e os satélites não captavam informações sobre o distrito.

Portanto, as informações preliminares não foram tão exatas. Foi a partir do contato com os moradores, com os trabalhadores que tentaram conter o rompimento e com a mídia local, que dados exatos foram sendo postados em páginas de veículos de comunicação de todo o mundo, fazendo com que a repercussão sobre a tragédia se tornasse muito grande.

Portais como o G1, pertencente à Globo, e o coletivo Jornalistas Livres fizeram uma cobertura dedicada ao evento. Imaginando retratar, de alguma forma, a vertente do acidente para um trabalho acadêmico, foi pensado, para esta pesquisa, analisar como se deu a cobertura da tragédia em dois tipos de mídias diferentes.

Sendo assim, foram escolhidos esses veículos por serem considerados como mídia hegemônica/comercial e mídia alternativa, respectivamente. A pesquisa irá analisar o tratamento feito pela mídia em suas coberturas, em um recorte de 8 matérias de cada, no período de até dois anos após o acidente, através da metodologia de análise de conteúdo, e, assim, tentará responder o problema estabelecido de se as mídias se diferenciam em relação ao conteúdo que fora produzido pelos sites, analisando fatores como imparcialidade e identificando se as fontes consultadas para as produções dos conteúdos

garantem a diversidade cultural, social, regional e de percepções da realidade que devem ser utilizadas durante uma cobertura.

O capítulo I trata dos assuntos referentes à mídia e poder, onde são explicados os tipos de mídia (comercial e alternativa) e suas contraposições e o poder da mídia frente às pessoas, sobretudo após o surgimento e a popularização da internet. Já o capítulo II aborda o Jornalismo Ambiental e suas facetas frente à comunicação, levantando dados importantes desde seu surgimento e demonstrando o papel fundamental desse tipo de jornalismo quando acontecem tragédias ambientais. O capítulo III caracteriza o objeto de estudo e a metodologia de análise de conteúdo, que foi utilizada no capítulo IV, onde é, de fato, codificada e realizada toda a análise da cobertura feita pelos sites, buscando encontrar a resposta para a dúvida levantada acima.

Esta pesquisa também tem, por finalidade, repassar a ideia, que, mesmo após dois anos do acidente, nós #NãoEsqueceremos.

CAPÍTULO I – MÍDIA E PODER

A mídia – composta por todos os meios de comunicação que envolvem os mecanismos de mensagem e recepção – é, sem dúvidas, representante de uma forma de poder que, possui grande importância na sociedade de massa. Em estudos sobre as Teorias da Comunicação, Mauro Wolf (2001) fala sobre como mídia influi em formações de agendas públicas e governamentais, influencia e/ou instiga a opinião de inúmeras pessoas, intermedia relações entre grupos diferentes e atua como setor responsável por organizar interesses ideológicos, tendo o papel de prestadora de serviços da esfera pública.

Ou seja, a mídia tem o potencial de informar sobre todos os acontecimentos marcantes, levando à toda população uma quantidade de dados que, se não fossem divulgados, não seria possível à essas pessoas reconhecerem outras realidades que não as vivenciadas ou relatadas por pessoas de convívio próximo.

Como produto do capitalismo, nota-se que a mídia, na maioria das vezes, não consegue ser totalmente imparcial.

E há também a questão da “imparcialidade”, uma das mitologias das empresas jornalísticas, cujas intenções se mostram democráticas, mas são reféns dos interesses dos patrões, dos anunciantes, do Estado ou dos grupos ideológicos que o apoiam. Ou seja, não há imparcialidade. (PAIVA, 2014. p.18)

Com todo esse poderio – de instituições corporativas que monopolizam os meios de comunicação – fica difícil imaginar que ainda existam forças para lutar por uma comunicação mais alternativa, que desestabiliza os sistemas homogêneos. Mas, mesmo em meio à tantas turbulências, os meios alternativos estão se apropriando de ferramentas e tecnologias que produzem efeitos de resistência, desvios, invenções na mídia, para que possam, cada vez mais, se legitimar perante cidadãos e instituições.

1.1 – MÍDIA ALTERNATIVA E MÍDIA HEGEMÔNICA: CONTRAPOSIÇÕES

Apesar de estar em evidência nesta década, a mídia alternativa não é uma nova fonte de informação, seus primórdios datam do século XIX, como será abordado mais à frente. Com o passar dos anos, ficou comprovado que ela conquistou espaço, principalmente na *web*, levando informações, muitas vezes diferenciadas, aos leitores.

Este crescimento possibilitou que a mídia alternativa travasse um embate frente à mídia hegemônica.

Mas afinal, o que pode ser considerado hegemônico? No sentido literal da palavra, hegemonia quer dizer supremacia.

Em uma de suas obras, “Os cadernos do cárcere”, o filósofo Gramsci define que “a hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. (DE MORAES, 2010, p.54).”

A construção da hegemonia engloba fatores de direção cultural e consentimento social. Ou seja, ela ocupa lugares na estrutura da ideologia cultural. A hegemonia não se dá da mesma forma em todos os contextos, ela varia de acordo com a natureza do espaço que pretende ocupar. Na maioria das vezes, ela é idealizada por uma classe que lidera a formação de um bloco que dá coesão e articula os mais diferentes grupos sociais que se aproximam ao estabelecer uma vontade coletiva em comum.

Portanto, não podemos pensar na hegemonia como uma simples e pura coerção, já que ela possui a vontade de dominar uma ou mais classes que possuem interesses em comum.

Fatores como os mercadológicos, políticos, socioculturais contribuem para a hegemonia, neste caso já pensando na mídia, no sentido de que eles possuem forças para definir quais serão as programações e as linhas editoriais dos veículos de informações. Já é de conhecimento que as grandes empresas de comunicação, detentoras de poder, pretendem fidelizar a maior parcela da sociedade, com notícias que agradem o gosto popular, para assegurar o poder de audiência e o econômico.

Ao focalizar a imprensa italiana das primeiras décadas do século XX, Gramsci (2000a) situa os jornais como verdadeiros partidos políticos, na medida em que interferem, com ênfases específicas, nos modos de verificação dos acontecimentos. Para ele, a função dos jornais transcende a esfera ideológica e embute as determinações econômico financeiras das empresas jornalísticas, que as impelem a atrair o maior número possível de leitores para assegurar-lhes rentabilidade e influência. (DE MORAES, 2010, p.65)

A hegemonia, na visão de Gramsci, é tida como o estabelecimento de uma conduta totalizadora, mas que é permitida devido ao consenso de classes. Mas, é notável que este consenso apresenta resistência: o da contra-hegemonia.

Atrelada à noção de hegemonia, encontra-se a ideia de contra-hegemonia. Segundo Raquel Paiva, compreender o sentido do termo não é tão simples. É possível o entendimento de que seria a transposição ou substituição de forças. Contudo, algo contra hegemônico não pretende ser um mero substitutivo da classe dominante. Para a autora, é no entendimento de que a palavra “contra” define-se pela oposição— e não por “um mero revezamento de forças contraditórias” —que reside a compreensão daquilo que pauta ideologicamente o conceito de contra-hegemonia. (COUTINHO e MARINO, 2017, p.34)

Neste sentido, a contra-hegemonia é responsável por propagar os interesses da minoria sob uma nova ótica de reflexão, rompendo com a ideia do totalizante do meio hegemônico. A partir do momento que há uma oposição aos grandes controladores da mídia, são criados espaços onde os silenciados são ouvidos e suas vozes são propagadas.

De um lado temos uma mídia interessada em ambições econômicas, e, do outro, uma mídia que se vincula aos interesses públicos. Apesar de se comprometerem por levar informações de maneira imparcial (como dita o Código de Ética do Jornalismo), Góes (2006, p. 6) relata em seus estudos que “a mídia alternativa divulga temas que a imprensa tradicional geralmente ignora, evita ou oculta”, ou seja, essas mídias podem divergir ao tratar da divulgação de informações. E, de acordo com Harcup (2003), apud Góes (2017, p. 6) “enquanto a mídia tradicional tem uma tendência de privilegiar o poder, a mídia alternativa privilegia o fraco e o marginal, oferece a perspectiva de baixo e fala o “não-falado”.

1.2 – COMUNICAÇÃO E JORNALISMO ALTERNATIVO

O jornalismo ou mídia alternativa era visto como aquele tipo que se opunha ao governo durante o período de ditadura militar (1964-1985). Não que esta concepção esteja errada, mas, o conceito não deve ser reduzido apenas a isto, já que o surgimento da mídia alternativa antecede ao período militar, como dito anteriormente. O jornalismo alternativo tende a ser voz em qualquer clima de desavença, seja na política ou mesmo nos contextos sociais em que se estabelecem a dinâmica da vida em sociedade, é o que afirmam Carvalho e Bronosky (2017, p.34) ao estabelecer que “os veículos alternativos atuam com questões relacionadas à realidade das classes mais desfavorecidas ao dar espaço para determinadas vozes omitidas ou subestimadas no jornalismo convencional.”

Mesmo vivendo, hoje em dia, em um país democrático e que dispõe de novas tecnologias e métodos de distribuição de informações, o jornalismo alternativo continuou e pode-se dizer que ganhou mais espaço na vida social e no território comunicacional.

Há outra comunicação em curso que vem fazendo a diferença há anos, mas que agora ganha novas formas de expressão e capacidade de democratizar conteúdos por meio do empoderamento das tecnologias que facilitam as conexões e a formação de novas redes, as virtuais, porém sem desconsiderar as demais, as básicas e as político-sociais e presenciais. (PERUZZO, 2013, p. 91)

De acordo com Downing (2002), embora a popularização e alcance desse tipo de mídia seja crescente e notável no século XXI, esses meios de comunicação datam de um período anterior. O autor caracteriza a mídia radical – já que, segundo ele, o termo alternativo não possui precisão conceitual, pois resume as práticas críticas a um caráter reativo – como uma série de iniciativas midiáticas que possuem uma perspectiva diferente no que diz respeito às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas.

Como já mencionado anteriormente, o jornalismo alternativo tem suas primeiras origens no século XIX, como apontam Atton e Hamilton (2008), que perceberam o surgimento desse tipo de mídia bem antes da consolidação do jornalismo comercial, o que ocorreu mais oficialmente no século XX.

Os chamados “jornais radicais independentes” ou “imprensa popular”, da Inglaterra e França, foram determinantes na popularização dos jornais. Destacaram-se pela sua capacidade de influenciar a opinião pública, sobretudo, a classe trabalhadora, cujas únicas fontes de informação em pequena e média escala eram aqueles que, mesmo de modo amador, eram capazes de tratar de questões trabalhistas, da situação de estrangeiros, aspectos como sufrágio e direitos humanos. São jornais que surgiram de associações e sindicatos por proximidades geográficas. Tinham caráter de oposição política ao jornalismo “dominante”, que havia se legitimado pelo seu caráter informativo. (CARVALHO e BRONOSKY, 2017, p. 26)

O surgimento dessa mídia no Brasil está ligado também aos movimentos sociais. A mídia alternativa tende a apresentar uma força contra as mídias comerciais. Ela propõe resistência, e, segundo Downing (2002) “existe uma tendência, no âmbito de sua organização interna, de tentar ser mais – às vezes bem mais – democrática do que a mídia estabelecida”.

Em síntese, a comunicação popular, alternativa e comunitária se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida, que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam

um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa. (PERUZZO, 2008, p. 124)

Apesar de buscar maior democratização e transparência quanto às informações prestadas, a imprensa alternativa no Brasil sofre com a questão da censura e restrição à liberdade de expressão, principalmente em seus primórdios. Vários impressos, programas de rádios e até mesmo os jornalistas foram brutalmente perseguidos e caçados nessa e em outras épocas.

Ainda assim existiam as imprensas resistentes. E, uma delas foi a “imprensa operária”, que era contrária ao tipo de imprensa monopolizada por fazendeiros e industriais (imprensa elitista brasileira). A “imprensa operária” foi responsável não apenas por resistir – até os anos de 1930 –, mas também por lutar pelo direito do exercício da cidadania. Segundo Carvalho e Bronosky (2017, p. 28), “estes jornais, como representante de organizações sindicais, anarquistas e comunistas no Brasil, sob influência europeia, cumpriam um triplo papel: informar, organizar e agitar a classe trabalhadora dos centros urbanos do país, em reação ao capitalismo.”

Com a formação da república brasileira, a imprensa, jornais, movimentos e organizações sofreram repressão, pois na visão dos presidentes que assumiram o país no início do século XX, essas ferramentas poderiam causar inseguranças, sobretudo políticas, no país. Com essa censura e instabilidade diante dos meios comunicacionais, os jornais declinaram devido à falta de financiamento e, também, por conta das perseguições do Estado, que tentavam suprimi-los a qualquer custo.

Se os jornais alternativos sofriam perseguições via-se instaurar no país os jornais comerciais, que eram apoiados por recursos públicos e favores políticos. Os opositores foram fortemente reprimidos, até mesmo com prisões de jornalistas, como ocorreu na posse de Getúlio Vargas. Segundo Carvalho e Bronosky (2017), o presidente fazia o jogo político, financiava os jornais que o apoiavam e censurava os jornais que se declararam contrário à sua maneira de governar. Ainda de acordo com os autores, após o fim do governo de Vargas (1955), o governo intensificou a política de repressão aos meios de comunicação e aos jornalistas opositores, uma vez que estava instaurado o golpe militar (1964), que foi o período de maior censura da história brasileira em detrimento ao jornalismo.

Mesmo diante das dificuldades encontradas, é neste período que

[...] são identificadas as principais iniciativas alternativas jornalísticas na história do Brasil. Kucinski (1991) aponta a existência de 150 periódicos durante a ditadura militar, conhecidos como imprensa alternativa ou nanica. Estes eram impressos que se apresentavam como “opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o de desejo das gerações dos anos 60 e 70, de protagonizar as transformações sociais que pregavam. (KUCINSKI, 1991, p. 13, apud CARVALHO e BRONOSKY, 2017, p. 30)

Diante destes fatos, percebemos que o jornalismo alternativo não é uma novidade do século XXI. Ele, segundo Downing (2002, p.49), pode ser considerado como uma mídia que é capaz de “quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a verdade”. Essa maneira de fazer jornalismo surgiu como fruto da contrainformação, que possui grande força e credibilidade pela maneira de levar as informações à população.

Nesses cenários, a mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também de pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas. (DOWNING, 2002, p. 50)

Porém, passados alguns anos, o jornalismo independente, que andou suprimido/censurado durante a ditadura, se reinventa. Ele ganha mais destaque devido às facilidades de acesso à internet e as tecnologias, o que favorece que vários agentes (mesmo não sendo, de fato, jornalistas) contribuam trazendo diferentes perspectivas, de diferentes ângulos sobre diversos assuntos, sendo que muitos destes não são veiculados na mídia tradicional. Essa maneira de difusão de informação agrega, de forma significativa, uma maior parcela de credibilidade à mídia alternativa, uma vez que agora ela pode até pautar os assuntos da mídia comercial.

Em meio a essa guerra midiática, os grandes meios não operam sozinhos, apesar do poder de influência e do alcance que têm. Mais do nunca, os meios pessoais (celulares e smartphones) e as câmeras de ativistas de mídias alternativas participaram na difusão da informação, colocando em blogs, sites, redes virtuais, no Youtube etc., fotos, vídeos e textos. (PERUZZO, 2013, p. 88)

1.3 – INTERNET E ATIVISMO

O surgimento da internet é datado na época da Guerra Fria e, originalmente, ela era utilizada com fundamentos militares, uma vez que as forças armadas americanas

precisavam se conectar em um meio diferente caso os principais meios de comunicação fossem destruídos pelo inimigo. Logo em seguida, a internet passou a ser utilizada nas universidades norte-americanas com intuito de fazer pesquisas científicas. Foi em 1983 que a ArpaNet – o primeiro tipo de conexão existente – foi substituída pela MilNet, tendo em vista que a ArpaNet

[...] foi tomada de assalto por micropolíticas estranhas, fazendo da rede um meio de vida e uma máquina de cooperação social, por intermédio da multiplicação de grupos de discussão na usenet e nas BBSs (de quem as atuais redes sociais se originam), tornando a então Arpanet um dispositivo de produção de relações, de afetos, de cooperação e de trocas de conhecimentos micro políticos, e não apenas um meio de transporte de informações científicas, financeiras e militares (MALINI e ANTOUN, 2013, p.17).

Nos anos de 70, conhece-se a internet que utiliza modem e telefone, nomeada internet *hacker*. Segundo Malini e Antoun (2013, p.17) a internet – nessa fase – “empreendida pela cultura *hacker*¹ nos anos 70 – fez multiplicar conexões entre micro-nós que faziam outros usos da rede (inclusive os usos terríveis e escandalosos).” Os *hackers* têm a pretensão de fazer da internet “um dispositivo de conversação e relações sociais comunitárias, onde cada um tem sua própria voz sem precisar passar pela intermediação de instituições e discursos oficiais ou comerciais. (MALINI e ANTOUN, 2013, p.18)”.

A partir da criação do *modem* foi possibilitado desenvolvimento de programas para computadores e aperfeiçoamento das conexões de internet, criando um *software* chamado Usenet, que pôde ser considerado como o primeiro espaço para debate e/ou conversas online da história.

Antes dos grupos de discussão da Usenet e das recentes Bulletin Board System (BBSs), a Internet era um espaço de *scholars* e de nós pequenos sem nenhum atrativo. Era um lugar para transferir grandes quantias monetárias e dados, mas não havia nada para se fazer de muito interessante. (MALINI e ANTOUN, 2013, p.19)

A partir da criação dos grupos de discussões, fóruns e outros meios interativos na rede surgiu o ciberespaço, que também é uma das ferramentas utilizadas pela mídia para a divulgação noticiosa. O ciberespaço

¹ Os *hackers* são os atores na transição de um ambiente de inovação acadêmica, institucionalmente construído, para o surgimento de redes auto-organizadas que escapam a um controle organizacional (CASTELLS, p.38)

[...] sugere uma dimensão computadorizada onde podemos transmitir e mover informação e onde encontramos nosso caminho entre dados. O ciberespaço constrói um mundo artificial ou representado, um mundo composto de informações que nossos sistemas produzem e que realimentamos neste mesmo sistema. Do mesmo modo que um tabuleiro de xadrez estrutura o espaço do jogo de xadrez dentro de seu próprio mundo de torres e cavaleiros, peões e bispos, a interface do computador também estrutura seu campo de movimentações, hierarquia de arquivos, acessos e distâncias relativas entre pontos de interesse (HEIM, 1993, p. 78-79, apud PERUZZO, 2011, p. 7-8).

Ou seja, o ciberespaço, nada mais é que: ambientes virtuais favoráveis à participação de grupos comunitários de discussões, onde deve conter os princípios de liberdade de expressão e a livre comunicação.

Com um crescente aumento no acesso à rede e utilização de tecnologias da comunicação e da informação (TICs), os coletivos e movimentos sociais são mais inseridos em vários tipos de canais de comunicação. Segundo Alcântara (2015), dentre ações fomentadas por esses grupos, pode-se citar: aumento das ações *hackers* em sites de governos, organização e criação de petições *online*, cobertura alternativa digital em várias ocasiões, mobilização de protestos via internet, entre outros.

As tecnologias proporcionam aos cidadãos uma extensa gama de interatividade. Sobretudo, a crescente expansão da tecnologia digital, que permite interação além de usuário e máquina, estendendo essa interação com usuário x conteúdos de informação. Essas novas formas de interação e de TICs estão sendo responsáveis por pautar e desencadear diversas ações coordenadas por movimentos sociais.

As mídias e redes virtuais são importantes canais e ambientes comunicacionais para a articulação, mas a tecnologia somente favorece as mobilizações se o seu uso for atrelado à luta social mais ampla, ou seja, relacionadas às organizações de base popular, comunidades, movimentos sociais etc. – extra ciberespaço ou existentes nele – porém, portadores de vínculos consistentes e duradouros. (PERUZZO, 2013, p. 83)

Segundo Menezes e Nedel (2016, p.7) “os “novíssimos movimentos sociais”, traduzidos, na atualidade pelas “marchas”, podem ser conceituados como uma parcela da sociedade, unida entre si, em prol de uma causa, lutando pela concretização de direitos”.

A partir da democratização e abertura da internet para os diversos povos há um crescimento de preocupação e investigação da sociedade sobre assuntos sociais, culturais e políticos. E, através dos questionamentos sobre esses assuntos por meio de acesso ao conteúdo e formação de diálogos na rede há o aumento da consciência cidadã, o que vai

ao encontro com os pensamentos dos movimentos sociais. É ainda a internet que possibilita a abertura de um espaço público capaz de organizar e pautar mudanças de caráter instantâneo e esferas locais, regionais, federais e até globais. Isso se deve ao fato de que a comunicação via *web* tem um alcance em larga escala de maneira muito rápida e eficaz, proporcionando assim o poder de

[...] levar ao conhecimento das pessoas as violações ocorridas em determinada sociedade, bem como os abusos sofridos por uma população que vive em um regime repressivo ou ditatorial. É nesse contexto que os movimentos sociais ganharam e ainda ganham força na sociedade atual, especialmente porque buscam alcançar mudanças capazes de melhorar a sociedade, seja política, econômica social ou culturalmente. Os temas e o alcance são variados, mas o objetivo é um só: a defesa dos direitos fundamentais e da democracia. (GOMES, LIMA, RADDATZ, 2015, p. 29)

Esses enfoques dos movimentos sociais serviram para difundir diversas mídias alternativas/independentes/radicais, que têm sua origem relacionada à

[...] algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída, para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos 60 e 70 de protagonizar as transformações sociais que pregavam. (KUCINSKI, 1991, p. 5)

Para Lemos e Lèvy (2010), as novas modalidades de emissão e compartilhamento de informações, especialmente oriundas da internet e de novas tecnologias, serviram como base para a ciberdemocracia, que almeja, sobretudo, mudanças no que diz respeito às políticas num cenário mundial.

Foi, então, com a criação do ciberespaço e ciberdemocracia, que o ativismo se fortaleceu, já que grandes críticas – principalmente a governos totalitários – puderam circular em um meio onde havia um grande fluxo de debate vindo de diferentes pessoas e pensamentos. Surge aí “o ciberativismo como sinônimo de ações coletivas coordenadas e mobilizadas coletivamente através da comunicação distribuída em rede interativa (MALINI e ANTOUN, 2013, p.20)”. Com o surgimento e a formação consolidada e distribuída da internet, há avanços nas formas de organização, percepção e expressão da inteligência comum.

Na história da militância política, a Internet dos grupos de discussão vai inaugurar a política de vazamento como *modus operandi* para fazer chegar aos diferentes usuários de todo o mundo as informações privilegiadas sobre a situação social de regimes políticos fechados, a

crítica a poderes econômicos e militares num contexto de bipolaridade mundial, ou mesmo ser a base de sustentação da articulação política de movimentos feministas, ambientalistas e estudantis, amparados em torno de instituições não governamentais que usam as BBSs e a Usenet para organizar suas lutas ou para vazar notícias que sofrem barreiras das censuras políticas e econômicas locais. (MALINI e ANTOUN, 2013, p.20)

O ciberativismo *hacker* e comunitário abre novas formas de comunicação para o ativismo social. Através da constituição do ciberespaço, a difusão de informações é realizada por meio de pessoas/empresas/coletivos que possuem, em suas centrais de comunicação, computadores com acesso à rede. De acordo com Malini e Antoun (2013, p.20) “os *hackers* de narrativas fazem dos grupos de discussão uma estrutura de mídia que permite a toda informação vazar nas mais distintas comunidades virtuais.”

Os *blogs* foram uma das primeiras plataformas da *web* a incorporar a mídia alternativa ao seu dia-a-dia. A partir deste meio era possível expressar opiniões sobre quaisquer assuntos.

Mas, um dos propulsores responsáveis pela propagação de notícias alternativas foi o Centro de Mídia Independente (CMI).

O CMI teve sua fundação no ano de 2000 e utilizava um site que era gerenciado por um coletivo independente, onde qualquer pessoa poderia contribuir com publicações e o conteúdo só seria apagado se ferisse as políticas de uso do site. Pablo Ortellado (2013), um dos fundadores do coletivo no Brasil explicou, em uma reportagem para o site da revista Galileu que “numa época em que para se ter blog era necessário programar um, o site permitiu que os grupos e coletivos tivessem um canal próprio de comunicação — e tornou-se um agregador. O CMI usou a internet para federalizar os movimentos.”

Usando as diferentes plataformas midiáticas, o jornalismo independente se mostra revigorado no século XXI. A criação de diversos coletivos deste tipo de mídia mostra que a mídia comercial está sendo rodeada por dúvidas em relação à divulgação dos fatos noticiosos. A contrainformação da mídia alternativa está conquistando, cada vez mais, um espaço perante à hegemonia das mídias mais tradicionais. Peruzzo (2013, p. 91) atribui isso ao fato de que a mídia alternativa “está livre dos condicionamentos das empresas e dentro da lógica que a internet representa: agilidade, imediatismo, liberdade.”

Com a formação dos grupos de discussão e o surgimento do ciberativismo *hacker*, surge uma nova categoria de ativismo, o ativismo midiático, ou também chamado de midialivrismo:

[...] o midialivrisimo de massa reúne experiências de movimentos sociais organizados que produzem mídias comunitárias e populares, de dentro do paradigma da radiodifusão, se afirmando como práticas da sociedade civil alternativas e antagonistas em relação ao modo de se fazer comunicação dos conglomerados empresariais transnacionais e nacionais de mídia (que controlam a opinião pública desde o nível local até o internacional). (MALINI e ANTOUN, 2013, p.21)

O midialivrisimo pretende promover um movimento em rede através de sujeitos comuns e/ou pequenos coletivos, que são capazes de narrar histórias/notícias, produzir novos agendamentos, direcionar e criar um novo público, que são centrados em uma mídia de oposição à mídia de massa. Ou seja, os midialivristas pretendem ser propulsores da diferença comunicacional.

O midialivrista é o hacker das narrativas, um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação. Em muitos momentos, esses hackers captam a dimensão hype de uma notícia para lhe dar um outro valor, um outro significado, uma outra percepção, que funcionam como ruídos do sentido originário da mensagem atribuído pelos meios de comunicação de massa. (MALINI e ANTOUN, 2013, p.23)

As categorias de ativismo e a internet deram uma grande contribuição para o surgimento dos movimentos sociais em rede.

Os movimentos sociais em rede de nossa época são amplamente fundamentados na internet, que é um componente necessário, embora não suficiente, da ação coletiva. As redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se. Ela protege o movimento da repressão de seus espaços físicos liberados, mantendo a comunicação entre as pessoas do movimento e com a sociedade em geral na longa marcha da mudança social exigida para superar a dominação institucionalizada. (CASTELLS, 2013, p. 134-135)

Ainda de acordo com Castells (2013), os movimentos sociais em rede surgem através da indignação da sociedade em relação a crises que se tornam insustentáveis no cotidiano e, esses movimentos são impulsionados devido à uma certa desconfiança em relação às entidades políticas que gerem toda a sociedade.

Os movimentos sociais em rede, portanto, determinam o estopim da sociedade em relação à alguma ação ou assunto, sejam eles atuais ou não, que precisam ser noticiados, levando informações sobre o ocorrido à qualquer cidadão.

Diante disso, este estudo irá analisar se, realmente, uma mídia comercial e uma mídia alternativa levaram informações de qualidade e sem censura à toda população, ou, se há tratamento diferenciado por meio delas em assuntos que tem, como principais protagonistas, uma população mais silenciada.

CAPÍTULO II – JORNALISMO AMBIENTAL: DO TÍMIDO SURGIMENTO AO PAPEL DE PAUTAR COBERTURAS

Outro fator que envolve a pesquisa é o jornalismo ambiental – que é conceituado por Bueno (2007, p.3), como “o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado”. Este capítulo irá informar um pouco mais sobre a história do jornalismo ambiental brasileiro e as funções básicas e dados deste tipo de jornalismo. A importância deste assunto para a pesquisa se refere ao fato de que o desastre ambiental atingiu, em grande nível, o meio ambiente. Entende-se por meio ambiente

[...] o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/ manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.). (BUENO, 2007, p.35)

De acordo com Colombo (2010), o surgimento da primeira entidade de jornalismo ambiental mundial data de 1968. A entidade foi idealizada durante uma conferência realizada pela Unesco em Paris. Pode-se inferir então que este tipo de jornalismo é um marco muito recente na história mundial. A partir de então, várias entidades e grupos foram criados – principalmente em países europeus como Alemanha, Noruega, França, Dinamarca, entre outros – e vários encontros foram realizados, contando com a presença dessas instituições, mostrando a preocupação delas em relação ao meio ambiente e sustentabilidade.

No Brasil, o jornalismo ambiental também surgiu na mesma época, com a aparição do primeiro jornalista especialista em meio ambiente: Randau Marques, um dos precursores desta área. Segundo Colombo (2010), o jornalista foi preso por escrever matérias que denunciavam danos ao meio ambiente, mais precisamente, ele escreveu uma série de reportagens sobre os agrotóxicos advindos dos produtos químicos das empresas de Franca, em São Paulo. Estes agrotóxicos estavam causando a intoxicação de agricultores e também provocando alto índice de mortalidade em espécies de peixes.

O papel do jornalismo ambiental pode ser definido de acordo com o pensamento de John:

Cabe ao jornalista ambiental explicar novos conceitos, técnicas e tecnologias e descobrir que relação têm elas com a destruição ou preservação dos recursos naturais; com a integridade e funcionamento dos ecossistemas ou do meio ambiente urbano. Também cabe ao jornalista ambiental acolher e investigar denúncias e disseminá-las no meio mais adequado, provocando reações locais ou globais, conforme o caso. (JOHN, 2001, p.88)

O jornalismo ambiental conquistou de fato seu espaço nos anos 80, devido a descoberta do buraco da camada de ozônio, onde surgiu uma preocupação que assola – até os dias de hoje – toda a população mundial. Antes ele era enquadrado como espécie de jornalismo científico.

A atuação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), fundada em 19 de setembro de 1977, impulsionaram significativamente o jornalismo ambiental, considerado naquela época uma subárea do jornalismo científico, status que manteve até o final dos anos 1980. (BELMONTE, 2015, p. 4)

Após o período de ditadura começaram a ser realizados eventos sobre o meio ambiente no país, como em 1989, aconteceu em São Paulo o Seminário A Imprensa e o Planeta. Em novembro do mesmo ano aconteceu um grande episódio

[...] a Federação Nacional dos Jornalistas realizou no final de novembro em Brasília, o Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente. Participaram especialistas internacionais, como o francês François Terrason, especialista em planejamento ecológico e agricultura, a norte-americana Diane Lowrie, da Global Tomorrow Coalition entre outros, e especialistas brasileiros, como o repórter Randau Marques e o jornalista Fernando Gabeira (BELMONTE, 1997, apud COLOMBO, 2010, p.6).

A Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, a Guerra Fria, contribuíram para que circulassem notícias sobre possíveis destruição de países em combates nucleares, o que é, portanto, preocupação com questões ambientais. Outro fator que contribui para o aumento de publicações sobre o meio ambiente foi a globalização.

Outro interesse em divulgar sobre o meio ambiente se deu pelo fato de que depois da Segunda Guerra Mundial podemos dizer que tivemos o início da Globalização como sinônimo de capitalismo, onde o crescimento econômico visava um processo de utilização cada vez mais intensivo de capital, de redução do uso de mão de obra e de utilização extensiva dos recursos naturais. (COLOMBO, 2010, p.7)

A imprensa brasileira divulga o jornalismo ambiental, segundo a Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), organismo vinculado à ONU, quando se trata de 3 assuntos: 1) catástrofes naturais e/ou acidentes graves que causam danos ao meio ambiente; 2) quando se publicam dados em revistas estrangeiras com dados científicos sobre o aquecimento global; 3) no dia 3 de junho, data em que se comemora o Dia Mundial do Meio Ambiente, instituído pela ONU.

Notícias sobre meio ambiente relacionados às catástrofes ambientais vendem, mas a mídia está percebendo que a população se interessa, cada vez mais, por esta leitura devido obrigação ou consciência ambiental.

Esta situação causou e despertou o interesse do ser humano em ter consciência, e responsabilidade de proteger a natureza e de conhecê-la, além de se informar sobre o assunto, o que fez unir forças para “lutar” de maneira pacífica contra empresários e indústrias que visam apenas utilizar o meio ambiente em seu benefício e esquecendo-se de usá-la de maneira que prevaleça a sustentabilidade. Isto também despertou a iniciativa dos veículos de comunicação e dos comunicólogos em fazer parte deste contexto, através de divulgação sobre esta temática. (COLOMBO, 2010, p.9)

De acordo com Bueno (2007) existem três funções básicas e essenciais para a execução do jornalismo ambiental. São elas: a função informativa, a função pedagógica e a função política. A primeira função, segundo o autor

[...] preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, considerando o impacto que determinadas posturas (hábitos de consumo, por exemplo), processos (efeito estufa, poluição do ar e água, contaminação por agrotóxicos, destruição da biodiversidade, etc.) e modelos (como o que privilegia o desenvolvimento a qualquer custo) tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida. (BUENO, 2007, p. 35)

Já a função pedagógica é caracterizada pelas possibilidades que a divulgação dos fatos tem em explicar como sanar os problemas causados pelo meio ambiente. É a mídia ensinando como superar e corrigir estes problemas.

E, a função política – entendida não somente com relação partidária

[...] tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. Incluem-se entre esses interesses a ação de determinadas empresas e setores que, recorrentemente, têm penalizado o meio ambiente para favorecer os seus negócios (indústria agroquímica, de biotecnologia, de mineração, de papel e celulose, agropecuária, etc.). Incorpora também

uma vigilância permanente com respeito à ação dos governantes que, por omissão ou comprometimento com os interesses empresariais ou de grupos privilegiados da sociedade, não elaboram e põem em prática políticas públicas que contribuem efetivamente para reduzir a degradação ambiental. (BUENO, 2007, p. 35 e 36)

O jornalismo ambiental possui o dever de cumprir as regras de imparcialidade e neutralidade, sendo porta-voz de todo o tipo de notícias de interesse público, promovendo acesso à democratização de ideias e pensamentos e aumentando o debate acerca do tema.

Acima de tudo, este jornalismo, segundo Bueno (2007, p.36) “deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses.”

Por fim, para resumir de forma objetiva o que é o jornalismo ambiental e como ele atua em coberturas jornalísticas, pode-se dizer que

Trata-se de uma especialização temática, consolidada no Brasil na última década do século XX, comprometida com uma qualidade de vida planetária e com a construção social de uma realidade mais justa e ecológica. Entre suas características estão: a contextualização socioambiental, a relação risco/limite, os processos longos, a incerteza científica e a complexidade técnica. Para puxar e interpretar todos estes fios com uma abordagem transversal que vai além das consequências em busca das causas e soluções, uma diversidade de fontes é sempre necessária. Assim como um profundo comprometimento ético com a profissão. Profissionalismo e engajamento andam juntos, em permanente tensão. (BELMONTE, 2015, p. 12)

Como qualquer outra área do jornalismo – e tendo como interesse as questões políticas e educativas é importante que este assunto tenha sido abordado nesta pesquisa, já que o desastre da barragem de Bento Rodrigues (MG) despertou interesse em todos os tipos de mídias do Brasil e do exterior e a maneira como ele foi divulgado pode variar de acordo com a importância do fato para cada canal de comunicação existente no país. Para sanar essa dúvida, utilizaremos em breve da análise, de dois canais de divulgação (mídia comercial e mídia alternativa) onde se encontra o jornalismo ambiental diariamente em suas pautas.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO OBJETO

Este capítulo tem como objetivo esclarecer os processos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. A abordagem deste capítulo será de evidenciar o tipo de pesquisa e os instrumentos utilizados na coleta de dados.

A pesquisa conta com análises documentais/textuais sobre a cobertura do desastre ocorrido com a barragem da Samarco no ano de 2015 no distrito de Bento Rodrigues, que pertence à Mariana (MG). Para sistematizar a análise das notícias, foram escolhidas duas coberturas, de acordo com a temática da pesquisa, que é representar uma mídia comercial e uma mídia alternativa. Os representantes escolhidos dessas mídias foram: o G1 (mídia comercial) e Jornalistas Livres (mídia alternativa).

Fundada há 52 anos, o Grupo Globo tornou-se a principal empresa de telecomunicações do país, alcançando os maiores índices de audiência da TV. Segundo o site Wikipédia, a emissora alcançou o segundo lugar no que se refere à maior rede de TV comercial do mundo. Sendo assim, percebe-se que o Grupo Globo saiu à frente de outras emissoras e conquistou o gosto popular, provocando uma hegemonia no sistema de telecomunicações.

A partir do desenvolvimento de novas tecnologias e do surgimento da internet, o Grupo lançou, em 2006, um portal de notícias chamado G1, que, desde então, consolidou-se como o maior portal de notícias brasileiro, fato este que ao pesquisar no *Google* o título portal de notícias, o primeiro que aparece é o G1.

O G1 disponibiliza conteúdo jornalístico de diversas empresas que pertencem ao Grupo Globo, e o portal possui relevância pois, ele aproveita-se das vantagens multimídias para a *web*. De acordo com Castilho (2007), o G1 é um dos veículos de comunicação mais avançados quando o assunto é convergência. Devido à estes critérios, que apresentam o G1 como uma grande mídia nacional, ele foi escolhido para representar a mídia comercial/hegemônica para esta pesquisa.

Os coletivos de movimentos sociais também são adeptos às novas tecnologias e ao uso de internet, como é o caso do Jornalistas Livres, um dos objetos de estudo desta pesquisa. O site do coletivo define Jornalistas Livres como:

[...] somos uma rede de coletivos originada na diversidade. Existimos em contraponto à falsa unidade de pensamento e ação do jornalismo praticado pela mídia tradicional centralizada e centralizadora. Pensamos com nossas próprias cabeças, cada um(a) de nós com sua própria cabeça. Os valores que nos unem são o amor apaixonado pela

democracia e a defesa radical dos direitos humanos. (JORNALISTAS LIVRES, 2017)

O coletivo atua dando vozes aos diversos agentes marginalizados, sobretudo à movimentos sociais, e se comprometem a repassar informações humanizadas, feito pelo povo e para o povo, a fim de fugir da parcela de mídia centralizadora de poder. Sendo um coletivo consolidado e que atua propagando notícias referentes a todos assuntos vigentes na mídia, mas, principalmente à assuntos mais negligenciados pela mídia comercial, o coletivo Jornalistas Livres foi escolhido como mídia alternativa para a pesquisa.

Apesar do coletivo ser muito ativo em redes sociais, como o facebook, a pesquisa documental foi feita com base nas publicações nos sites das duas mídias.

A metodologia utilizada na pesquisa será baseada na aplicação do método de análise de conteúdo (AC) formulado por Laurence Bardin (1977) e da aplicação de uma tabela inspirada através do protocolo metodológico de análise de cobertura jornalística proposto por Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011).

Bardin divide a análise de conteúdo em 3 partes, sendo elas:

I. Pré-análise:

Na fase da pré-análise são feitas as organizações dos conteúdos, o que torna os materiais selecionados mais sistematizados. Estes materiais são organizados de acordo com intuições, e, segundo a autora, esta fase segue três passos: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95).

A partir de então é realizada a primeira fase da pré-análise, que a autora denomina de leitura flutuante, que tem por característica fazer contato com os materiais da análise e conhecer o texto do documento analisado, inundando-se, assim, de primeiras impressões e orientações sobre o que foi lido.

A segunda etapa da pré-análise é composta pela escolha dos documentos a serem, de fato, analisados. Ou seja, é determinado o *corpus* do objeto de estudo, que é a seleção dos documentos que serão expostos ao processo analítico.

A autora cita algumas regras para determinar os materiais escolhidos para o *corpus*: a primeira é a regra da exaustividade e a não-seletividade, que significa que não se deve deixar de fora nenhum elemento do campo do *corpus* no período pré-estabelecido; a segunda é a regra da representatividade, que, segundo Sander (2017, p.33) “diz respeito à importância de a amostra a ser analisada ter um caráter representativo da totalidade do

material – por exemplo, apresentar proporções semelhantes em levantamentos quantitativos”; a terceira é a regra da homogeneidade, que determina que todos os critérios adotados para análise dos documentos do *corpus* devem ser objetivos e aplicados de forma igualitária; e, por último a regra da pertinência, que diz que o material escolhido para análise deve ser adequado aos objetivos que a pesquisa sugere atingir.

Para selecionar o *corpus*, foi pesquisado, em ambos os sites, a palavra Samarco. Com isso selecionamos os *links* <http://g1.globo.com/tudo-sobre/samarco/> e <https://jornalistaslivres.org/?s=samarco> para que conduzissem a pesquisa. Quantitativamente o G1 possui um número exorbitantemente maior de conteúdos. O site do coletivo Jornalistas Livres contém uma quantidade pequena de conteúdos. Por conta disso, as suas datas de publicações foram determinantes para limitar o *corpus* analisado.

Foram escolhidas oito matérias de cada site, respeitando os limites de serem escolhidas as primeiras matérias de cada site, depois as matérias de três, nove, onze dias, um e seis meses e um ano e dois anos após o desastre. Como critérios para a seleção das matérias foram escolhidas datas e assuntos próximos e/ou semelhantes, para que não houvesse nenhuma alteração no resultado final da pesquisa.

A tabela abaixo contém a data de publicação, o título e o *links* das matérias analisadas.

Tabela 1 – Lista das matérias selecionadas

G1	Jornalistas Livres
05/11/2016 Barragem se rompe, e enxurrada de lama destrói distrito de Mariana http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/barragem-de-rejeitos-se-rompe-em-distrito-de-mariana.html	07/11/2015 Minas de tristeza https://jornalistaslivres.org/2015/11/minas-de-tristeza/
09/11/2016 Mais de 200 pessoas trabalham nas buscas em distrito de Mariana http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/mais-de-200-pessoas-trabalham-nas-buscas-em-distrito-de-mariana.html	08/11/2015 Tsunami de lama https://jornalistaslivres.org/2015/11/tsunami-de-lama/
14/11/2016	14/11/2015

<p>Governador de MG anuncia retomada da captação de água no Rio Doce</p> <p>http://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2015/11/governador-de-mg-anuncia-retomada-da-captacao-de-agua-no-rio-doce.html</p>	<p>As Minas destruíram Gerais</p> <p>https://jornalistaslivres.org/2015/11/as-minas-destruiram-gerais/</p>
<p>13/11/2016</p> <p>Rompimento de barragem em Mariana: perguntas e respostas</p> <p>http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/11/rompimento-de-barragens-em-mariana-perguntas-e-respostas.html</p>	<p>16/11/2015</p> <p>Entre o luto e a saudade: um panorama do maior desastre ambiental do Brasil</p> <p>https://jornalistaslivres.org/2015/11/entre-o-luto-e-a-saudade-um-panorama-do-maior-desastre-ambiental-do-brasil/</p>
<p>08/12/2015</p> <p>Passado 1 mês de tragédia, corpo é achado em área afetada por lama</p> <p>http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2015/12/passado-1-mes-de-tragedia-corpo-e-achado-em-area-afetada-por-lama.html</p>	<p>11/12/2015</p> <p>DO LUCRO À LAMA: uma viagem de Mariana ao fim do mundo</p> <p>https://jornalistaslivres.org/2015/12/do-lucro-a-lama-uma-viagem-de-mariana-ao-fim-do-mundo/</p>
<p>05/05/2016</p> <p>Seis meses após desastre, turismo em Mariana ainda sofre reflexos</p> <p>http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/05/seis-meses-apos-desastre-turismo-em-mariana-ainda-sofre-reflexos.html</p>	<p>05/05/2016</p> <p>Seis meses depois da Tragédia de Mariana, as respostas ainda não foram dadas</p> <p>https://jornalistaslivres.org/2016/05/seis-meses-depois-da-tragedia-de-mariana-as-respostas-ainda-nao-foram-dadas/</p>
<p>05/11/2016</p> <p>Tragédia em Mariana completa 1 ano e centenas de moradores protestam</p> <p>http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/11/tragedia-em-mariana-completa-1-ano-e-centenas-de-moradores-protestam.html</p>	<p>05/11/2016</p> <p>Povo de luta não esquece crime de Mariana</p> <p>https://jornalistaslivres.org/2016/11/povo-de-luta-nao-esquece-crime-de-mariana/</p>
<p>02/11/2017</p> <p>Lama afeta Rio Doce e os moradores dois anos após tragédia em Mariana</p> <p>http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/11/lama-afeta-rio-doce-e</p>	<p>08/11/2017</p> <p>Desastre de Mariana: resistência e sede de justiça</p> <p>https://jornalistaslivres.org/2017/11/doisanosdodesastredemariana/</p>

os-moradores-dois-anos-apos-tragedia-em-mariana.html	
--	--

A próxima parte da pré-análise é a de formulação de hipóteses e objetivos. Para a autora, as hipóteses são um conjunto de afirmações provisórias que a pesquisa propõe analisar. Essas suposições/afirmações devem ser confirmadas através de critérios objetivos. Sugerir uma hipótese é sempre possuir interrogações sobre o assunto a ser analisado. Bardin (1997, p. 98) diz que “de facto, as hipóteses nem sempre são estabelecidas quando da pré-análise. Por outro lado, não é obrigatório ter-se como guia um corpus de hipóteses, para se proceder à análise. Algumas análises efetuam-se às cegas e sem ideias pré-concebidas.” Este é o caso da presente pesquisa, onde não foram feitas suposições antes da real análise.

A autora propõe mais uma parte para a pré-análise, *a referenciação dos índices e elaboração de indicadores*, determina a sistematização de indicadores organizados de acordo com as hipóteses. A última etapa da pré-análise é a de preparação do material, que nada mais é do que a organização do material a ser analisado seguindo uma lógica em comum para todos os documentos. Foi utilizada, nesta pesquisa, a tabela mencionada acima para a organização dos materiais de ambos os sites.

II. Exploração do material:

A exploração do material é a “administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 1977, p. 101), de acordo com a etapa anterior. Ainda de acordo com a autora, é nesta fase em que o analista transforma o *corpus* em um material mais objetivo, utilizando para isso a codificação – transformação dos dados brutos dos documentos/textos em um material mais coeso, esclarecendo ao pesquisador os aspectos das características contidas nos textos. Esta é a etapa mais longa do processo de análise de conteúdo.

A exploração do material foi feita a partir da análise do conteúdo, de fato. Foram apresentados dados quantitativos, mas, o enfoque são os dados qualitativos de cada conteúdo analisado, para poder inferir e dar resultados específicos sobre a pesquisa. A exploração do material será codificada no protocolo explicado na tabela abaixo.

III. Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Esta é a última etapa do processo de análise de conteúdo estabelecido por Bardin e visa possibilitar uma análise mais visual dos dados obtidos, colocando-os em formatos mais perceptíveis. Sendo assim, estes resultados permitem a elaboração de questionamentos/inferências e interpretações. Bardin (1997, p. 101) determina que “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.”

A metodologia foi escolhida devido ao método criterioso proposto pela autora para se realizar uma análise. Como a proposta da pesquisa é de analisar dois objetos que se diferenciam, é necessário que sejam feitos esses testes para que possa se deduzir algo de acordo com o real comportamento de cada um. Na pesquisa foi usado o método de codificação apresentado pela autora, onde o maçante das reportagens foi reduzido à uma forma mais simples de compreensão para os leitores. Para codificar as matérias foi utilizada uma tabela inspiração que será explicada abaixo.

Ainda na metodologia, foi constituída uma tabela (abaixo) com inspiração no protocolo metodológico de análise de cobertura jornalística proposto por Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011).

As autoras organizam o protocolo em três níveis de análise, sendo o primeiro: marcas da apuração, segundo: marcas da composição do produto e terceiro: aspectos da caracterização contextual. Cada um destes itens possui papéis diferentes na análise de conteúdo. Para a composição da tabela foram utilizadas algumas características dos níveis 1 e 2. Essas categorias foram essenciais para a interpretação dos conteúdos e para, finalmente, demonstrar os resultados obtidos nas análises dos conteúdos, permitindo que houvesse inferência sobre o que foi analisado. Esta tabela será utilizada na fase de análise, mas os documentos analisados não serão dispostos nela, e, sim, em forma de comparação em texto corrido. Apesar disso, as perguntas contidas na tabela serão descritas na análise.

Tabela 2 – Protocolo de análise

CATEGORIA	O QUE OLHAR	OBSERVAÇÃO
Apuração	Quem apurou a notícia Local de apuração	Assinado por repórter ou outra pessoa/agência

	<p>Origem da informação: (a) a forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente); (b) a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica); e (c) a posição das fontes no contexto dos acontecimentos (no caso de fontes humanas), ou seja, o lugar a partir do qual a fonte fala para dar as informações.</p>	<p>O texto demonstra se houve mobilidade ou não? Foi uma notícia de 1ª mão? Que fontes foram consultadas? Ou foram notícias de 2ª mão? Recebidas por outras agências, jornais, documentos, reedição, republicação? Codificação das notícias (Ex: autoria: XXX, agência Y)</p>
Recursos adicionais	Fotografias, infográficos, vídeos.	Por quem foram produzidos esses elementos? Em qual contexto e espaço?

Para melhor sistematizar os dados das tabelas os itens foram agrupados em três sistemas, sendo eles: contexto de produção noticiosa, fontes e linguagem/formato.

Sendo assim, eles ficaram divididos como:

- I. Contexto de produção noticiosa: Quem apurou a notícia, local de apuração e (a) a forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente);
- II. Fontes: (b) a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica) e (c) a posição das fontes no contexto dos acontecimentos (no caso de fontes humanas), ou seja, o lugar a partir do qual a fonte fala para dar as informações;
- III. Linguagem/formato: Fotografias, infográficos, vídeos.

Após a obtenção de todos os dados enunciados acima, é que foi realizada, de fato, a análise de conteúdo sobre a tragédia do rompimento de uma barragem no distrito de Bento Rodrigues, que pertence à Mariana (MG) através das notícias postadas pelos sites do G1 e Jornalistas Livres.

CAPÍTULO IV – POR TRÁS DAS NOTÍCIAS: ANÁLISE DAS ESTRUTURAS DAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS DO G1 E JORNALISTAS LIVRES

4.1 – APRESENTAÇÃO E CODIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS

A análise de conteúdo desta pesquisa serviu de resposta para a dúvida que norteou todo o trabalho. Como já dito anteriormente ela foi baseada nos critérios de Bardin e no protocolo de Maia e Silva. Além disso, em alguns casos, há descrição dos conteúdos.

4.1.1 – MATÉRIAS DO PORTAL G1

1ª matéria G1: O primeiro conteúdo analisado data do dia da tragédia (05/11/2015), e está disponível no G1. Apesar de ser publicada no dia 05, consta, no site, que a matéria foi atualizada no dia 21/11/2015. Pode-se imaginar que, em primeiro momento, havia pouca informação sobre o desastre, e a atualização foi necessária para que dados exatos e verdadeiros fossem adicionados

O conteúdo é dividido em: título, *lead* (subtítulo), e 7 seções, sendo elas:

- I. Vídeo do Jornal Nacional + texto;
- II. Feridos = texto + vídeo + foto;
- III. Empresa = texto + vídeo;
- IV. Resgate = texto + vídeo (indisponível) + foto;
- V. Governo estadual = texto + vídeo (indisponível);
- VI. Ministério Público = texto;
- VII. Infográfico.

O título da matéria é: “Barragem se rompe, e enxurrada de lama destrói distrito de Mariana”, onde percebe-se que a lama foi tratada como enxurrada, e não como um desastre. E o subtítulo é: “Acidente foi em Bento Rodrigues e bombeiros confirmam uma morte. Localidade está sendo esvaziada; MP vai investigar causa do acidente”. No subtítulo obtemos mais informações sobre o local do ocorrido e os feridos. E, desta vez, nomeiam o ocorrido como acidente. No título e subtítulo da matéria a dimensão da tragédia não fica clara. As únicas fontes são o Ministério Público (MP) que ainda iria investigar as causas do rompimento e os bombeiros, que até então só tinham o conhecimento de uma morte.

A seção I é composta pelo vídeo veiculado no Jornal Nacional, no dia do acidente e de texto complementar.

O vídeo é aberto pelos âncoras William Bonner e Renata Vasconcellos, e ele possui uma junção de dois momentos que foram veiculados pelo Jornal. O primeiro momento é aberto por Bonner que dá notícias preliminares para a matéria que vem a seguir, ou seja, neste momento ele é a fonte e a informação veiculada por ele é dada de maneira indireta (onde ele diz que uma pessoa morreu e quatro ficaram feridas, mas ainda não havia um levantamento completo do número de envolvidos e feridos).

A seguir o vídeo vem com narração de um jornalista que não é anunciado momentaneamente, apenas ao final da matéria descobrimos que é o repórter Ismar Madeira. O vídeo é reproduzido com narrações sobre o fato e imagens aéreas do distrito de Bento Rodrigues.

Seguindo o protocolo, o contexto de produção noticiosa do vídeo no momento de 0:20” a 2’10” é o seguinte:

- Quem apurou a notícia? Ismar Madeira (jornalista da Globo)
- Local de apuração? Bento Rodrigues (imagens aéreas) e Belo Horizonte (onde o repórter dá a notícia)
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (através do jornalista) e indireta (através de órgãos como o Sindicato dos Trabalhadores da Mineração, a Samarco, Defesa Civil de Mariana).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Há presença de fontes humanas (jornalista e âncora), fonte documental (pesquisa sobre o distrito, informações de órgãos governamentais) e eletrônica (nota publicada pela Samarco)
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? O jornalista fala de Belo Horizonte e o âncora do estúdio da Globo.
- Linguagem/formato do conteúdo? Vídeo contendo infográfico.

Como já dito, o vídeo é composto da junção de dois momentos propagados pelo jornal. O segundo momento (2’11” a 2’52”) é aberto pela âncora Renata Vasconcellos, onde ela abre a notícia dizendo que o repórter Ricardo Soares se encontra em um local próximo ao acidente e tem notícias por telefone. Em seguida o repórter fala mais informações, que serão codificadas no protocolo.

- Quem apurou a notícia? Ricardo Soares (jornalista da Globo).

- Local de apuração? Paracatu, Minas Gerais (distrito também pertencente à Mariana e vizinho de Bento Rodrigues).
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (através do jornalista) e indireta (pela Defesa Civil de Mariana, que dava instruções aos moradores).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humanas.
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? O jornalista fala de Paracatu (distrito de Mariana)
- Linguagem/formato do conteúdo? Vídeo contendo imagens de Bento Rodrigues e narração via telefone.

Fechando esse momento dos vídeos, a mesma seção (I) possui texto. O texto dá mais informações sobre o acontecimento, com atualizações do dia 17, mas com números ainda imprecisos.

- Quem apurou a notícia? G1 MG.
- Local de apuração? Indeterminado.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (quem redigiu a matéria e pelo sobrevivente Andrew Oliveira) e indireta (através de órgãos como o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Ferro e Metais Básicos de Mariana (Metabase), a Samarco, Corpo de Bombeiros de Ouro Preto (MG)).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Há presença de fontes humanas (sobrevivente, diretor da Metabase), fonte documental (informações do Corpo de Bombeiros) e eletrônica (nota publicada pela Samarco).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? A única determinada é do Corpo de Bombeiros, que estava em Bento Rodrigues.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto.

A próxima seção (II) é sobre os “feridos”, que contém texto, vídeo e foto.

- Quem apurou a notícia? G1 MG, o vídeo tem uma pessoa fazendo perguntas que não é identificada.
- Local de apuração? Indeterminado.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (quem redigiu a matéria e pelo sobrevivente Andrew Oliveira) e indireta (através de

órgãos como a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig) e Defesa Social de Mariana).

- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Há presença de fontes humanas (sobrevivente, Andrew e Brás Azevedo, secretário da Defesa Social de Mariana) e documental (foto de Lucas Prates/Hoje em Dia/Estadão Conteúdo). Há também informações da Fhemig, que não sabemos se foi obtida por documentos ou nota eletrônica.
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto, vídeo e foto.

A seção “empresa” dá mais informações sobre a empresa Samarco frente ao acontecimento. Também é composta por texto e vídeo.

- Quem apurou a notícia? G1 MG.
- Local de apuração? Indeterminado.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (quem redigiu a matéria e pelo Diretor da Samarco, Ricardo Vescovi).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Há presença de fontes humanas (Ricardo Vescovi), eletrônica (o vídeo foi postado no *Facebook* da Samarco) e documental (o texto foi atualizado dia 16 com novas informações sobre o rompimento).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto, vídeo e foto.

A seção IV é a de “resgates”, que contém foto, texto e vídeo (que se encontra indisponível).

- Quem apurou a notícia? G1 MG.
- Local de apuração? Indeterminado.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (quem redigiu a matéria, postando dados sobre utilidade pública, como as doações para o distrito) e indireta (através de órgãos como Prefeitura de Mariana, Polícia Militar de Meio Ambiente, Secretaria de Estado do Meio Ambiente e de Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (Semad) e Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)).

- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Documental (foto de Luís Eduardo Franco/TV Globo). As demais fontes citadas acima dão informações, mas não dá para concluir se são documentais, humanas ou eletrônicas.
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e foto.

A seção “Governo estadual” é composta por texto e vídeo (que também está indisponível).

- Quem apurou a notícia? G1 MG.
- Local de apuração? Indeterminado.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (através das informações apuradas por quem redigiu o texto) e indireta (através de órgãos como Governo de Minas Gerais, através do governador do Estado Fernando Pimentel e do Ministro da Integração Nacional, Gilberto Occhi).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Fernando Pimentel e Gilberto Occhi) e documental (nota lançada pelo Governador de MG).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto.

A seção “Ministério Público” é composta apenas de texto e pode ser codificada da seguinte maneira:

- Quem apurou a notícia? G1 MG.
- Local de apuração? Indeterminado.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Indireta (através do Promotor de Justiça do Meio Ambiente, Carlos Eduardo Ferreira Pinto e da empresa Samarco).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Carlos Eduardo Ferreira Pinto) e documental (nota lançada pela Samarco).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto.

A última seção desta matéria é a de “Infográfico”, que tem por título “Rompimento de barragem em Mariana”. O infográfico foi atualizado em 21/11/2015 e mostra detalhes ilustrados sobre a localização da barragem e do distrito, o percurso da lama pelo Rio Doce e o risco de rompimento de outra barragem.

- Quem apurou a notícia? G1 MG.
- Local de apuração? Indeterminado.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (através de pesquisas documentais) e indireta (com dados divulgados pela Samarco).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Documental e eletrônico (com imagens de satélite do *Google*).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Infográfico.

A primeira matéria do G1 se mostra completa em relação aos dados obtidos no momento da tragédia, mas, apesar de ter sido atualizada, ela é deficiente em informações concretas sobre os reais números do desastre (como número de mortos e desaparecidos, cidades atingidas). Outro fator de deficiência é que a maioria dos dados obtidos foram com fontes oficiais, de órgãos governamentais, há apenas uma informação vinda de sobrevivente.

Em geral, esta matéria teve mais preocupação em demonstrar como ocorreu o fato e quais medidas estavam sendo tomadas em consequência do ocorrido.

2ª matéria G1: A segunda matéria do G1 é datada de 09/11/2015, e recebeu o título “Mais de 200 pessoas trabalham nas buscas em distrito de Mariana”. Dentro dos critérios do protocolo ela se codifica em:

- Quem apurou a notícia? G1 MG.
- Local de apuração? Indeterminado.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (com entrevista cedida pela coordenadora do núcleo de emergências do Ibama de Minas Gerais) e indiretamente (informações prestadas por Corpo de Bombeiros, Samarco, Agência Nacional das Águas (ANA), Defesa Civil Estadual, Prefeitura de Mariana).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humanas (agentes da Defesa Civil, do Corpo de Bombeiros e Ubaldina da Costa Isaac –

coordenadora do núcleo de emergências do Ibama de Minas Gerais) e documental (informações prestadas pelos órgãos públicos, fotos de Ricardo Moraes/Reuters e de reprodução da TV Globo).

- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Só temos a possibilidade de saber a localização do Corpo de Bombeiros e da Defesa Civil, que estavam atuando em buscas no distrito de Bento Rodrigues.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

Esta matéria tem o enfoque em diagnosticar o número e a busca pelos desaparecidos. Neste ponto ela se utiliza, novamente, apenas de fontes oficiais. Nela contém três parágrafos sobre a Samarco, um dizendo que a empresa é dona da barragem, outro que a Samarco está prestando assistência de hospedagens para os moradores atingidos e o último sobre que outra represa estava sendo monitorada pela empresa. Tudo baseado em dados obtidos através da empresa, que neste caso, também é fonte oficial.

Além disso, a matéria finaliza com o assunto de sistemas de abastecimento, onde foi concedida uma entrevista com especialista dizendo que a água não era tóxica, mas que o sistema de captação estava suspenso.

3ª matéria G1: A terceira matéria escolhida do G1 fala sobre a captação de água na cidade de Governador Valadares (MG). A cidade ficou comprometida com o abastecimento de água devido à contaminação por minério no Rio Doce.

- Quem apurou a notícia? G1 MG.
- Local de apuração? Governador Valadares.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (coletiva de imprensa com autoridades).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humanas (governador de MG – Fernando Pimentel, Elisa Costa, prefeita de Governador Valadares, Gilberto Occhi, Ministro da Integração e o diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) Omir Quintino) e documental (foto de Sávio Scarabelli/G1).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? As fontes se encontravam em uma coletiva de imprensa na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e foto.

A matéria tem todo seu enfoque voltado pelos esclarecimentos prestados durante uma coletiva de imprensa acerca da retomada da captação de água no Rio Doce, que foi comprometido pelos rejeitos de minério. Todas as fontes são oficiais, e uma até especialista, que promove o tom de seriedade do texto veiculado. O interessante no texto é que citam a Samarco duas vezes, e, nas duas, falam sobre a ajuda que a empresa estava prestando à população, embora em uma das vezes a informação é de que parte da água que foi fornecida estava contaminada com querosene dos caminhões, tornando-a imprópria para consumo. Mesmo assim, logo justificam que a Samarco já havia tomado medidas para reverter esta situação. Mais uma vez, o G1 não responsabiliza a culpa da Samarco na tragédia, e o trata apenas como acidente.

4ª matéria G1: A próxima matéria do G1 serviu como base para responder as perguntas mais frequentes que se faziam após a tragédia. Recebendo o título “Rompimento de barragem em Mariana: perguntas e respostas”, assim como a primeira matéria, ela é composta por seções. Portanto, ela será analisada separadamente, como a primeira.

Desta vez são cinco seções, denominadas:

- I. O rompimento;
- II. Danos ao meio ambiente;
- III. Prejuízo econômico;
- IV. Segurança e prevenção;
- V. Penas e indenizações.

O início da matéria é composto por uma foto e uma introdução para as perguntas da seção I, que foram responsáveis por esclarecer dúvidas sobre o rompimento. A seção contém perguntas em forma de texto, *gifs*, foto e vídeo.

Começaremos a codificar os textos *gifs* e foto.

- Quem apurou a notícia? Rosanne D'Agostino (G1, em São Paulo).
- Local de apuração? São Paulo.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (George Sand, chefe da unidade do Observatório Sismológico da Universidade de Brasília e engenheiro não nomeado da Samarco) e indireta (Samarco, laudo, Ministério Público, Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam), Corpo de Bombeiros).

- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humanas (George Sand, engenheiro da Samarco) e documental (órgãos públicos e estaduais, Samarco, laudo, fotos de Christophe Simon/AFP e *gifs* de DigitalGlobe e Globalgeo Geotecnologias).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto, *gifs* e foto.

Ainda nesta seção há um vídeo do Jornal Nacional, contando sobre as condições perigosas das outras barragens, possíveis multas e sobre o plano de ação emergencial da Samarco. O vídeo pode ser codificado assim:

- Quem apurou a notícia? Ismar Madeira.
- Local de apuração? Belo Horizonte.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (engenheiro e diversos especialistas de órgãos como o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Ministério Público de Minas Gerais e Fundação Estadual do Meio Ambiente) e indireta (declarações públicas da Samarco).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humanas (repórter Ismar Madeira, promotores Carlos Eduardo Ferreira Pinto, Guilherme Sá e Mauro Ellovitch, Leandro Carvalho – fiscal do DNPM – MG, engenheiro André Oliveira Guimarães e Diogo Melo Franco, presidente da Feam) e documental (nota emitida pela Samarco e fotos).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? A única determinada é do repórter, que fala de Belo Horizonte.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto, *gifs* e foto.

A seção II, “Danos ao meio ambiente” é composta de mais perguntas sobre o assunto, esclarecendo os prejuízos da lama para a população e ecossistema. Esta seção é composta apenas de texto no formato de perguntas e respostas.

- Quem apurou a notícia? Rosanne D'Agostino (G1, em São Paulo).
- Local de apuração? São Paulo.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Indireta (geólogo, coordenadora do núcleo de emergências do Ibama de Minas Gerais, Samarco, Ibama, prefeito de Mariana e diretor geral do serviço autônomo de água e esgoto).

- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humanas (Luiz Paniago Neves, Omir Quintino, Duarte Júnior, Ubaldina da Costa Isaac) e documental (Ibama e Samarco).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto.

A seção “Prejuízo econômico” é a menor de todas, contendo apenas uma pergunta e uma foto.

- Quem apurou a notícia? Rosanne D'Agostino (G1, em São Paulo).
- Local de apuração? São Paulo.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Indireta (prefeito de Mariana).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Duarte Júnior – prefeito de Mariana) e documental (Foto de Sávio Scarabelli/G1).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e foto.

“Segurança e prevenção” é o nome da seção IV, que contém texto com perguntas e respostas e um vídeo da *Globo News*. Por conter vídeo e texto serão feitas duas codificações, sendo a primeira a do texto.

- Quem apurou a notícia? Rosanne D'Agostino (G1, em São Paulo).
- Local de apuração? São Paulo.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (Promotor de Justiça do Meio Ambiente) e indireta (órgãos como Polícia Militar do Meio Ambiente, assessoria da Samarco, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e decreto).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Carlos Eduardo Ferreira Pinto), documental (declarações dos órgãos citados acima) e eletrônica (assessoria da Samarco).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto.

Agora, será codificado o vídeo desta seção. O vídeo possui três momentos, o primeiro a repórter fala diretamente de Mariana contando as últimas notícias sobre os desaparecidos e sobre a visita da ex-presidente Dilma Rousseff à cidade, o segundo é um morador filmando o momento que a lama toma conta do distrito e, por último, outra repórter dá notícias sobre a cidade de Governador Valadares, que teve o abastecimento de água comprometido devido à contaminação do Rio Doce.

- Quem apurou a notícia? Repórteres Aline Aguiar e Ana Carolina Magalhães.
- Local de apuração? Mariana e Governador Valadares.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (apuração das repórteres com dados apresentados por elas) e indireta (dados do Corpo de Bombeiros).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (morador não identificado e repórteres).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Bento Rodrigues, Mariana e Governador Valadares.
- Linguagem/formato do conteúdo? Vídeo.

Para a última seção escolheram o nome “Penas e indenizações”. Ela trata de assuntos que todos envolvidos gostariam de saber: quem é culpado? Quanto a Samarco irá pagar? Como serão feitas/pagas as indenizações? A seção também é composta por texto, foto e vídeo. Então, mais uma vez a codificação será feita separadamente, começando pelo texto e foto.

- Quem apurou a notícia? Rosanne D'Agostino (G1, em São Paulo).
- Local de apuração? São Paulo.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Indireta (Ibama, Dilma Rousseff, comunicado Vale e BHP Billiton e pesquisa de leis).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Dilma Rousseff), documental (leis, informações de órgãos que analisavam a responsabilidade no caso e foto de Lucas Prates/Hoje em Dia/Estadão Conteúdo) e eletrônica (comunicado Vale e BHP Billiton).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e foto.

Agora, para terminar a análise deste conteúdo será codificado o vídeo, que trata de uma parte da coletiva de imprensa com a ex-presidente Dilma Rousseff.

- Quem apurou a notícia? Rosanne D'Agostino (G1, em São Paulo).
- Local de apuração? São Paulo.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (coletiva com Dilma Rousseff).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Dilma Rousseff).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Segundo dados da reportagem, Dilma se encontrava em Mariana, Minas Gerais.
- Linguagem/formato do conteúdo? Vídeo.

Esta reportagem do G1 possui o caráter de esclarecer dúvidas que surgiram após o acidente. E as questões jurídicas foram respondidas pelo advogado André Krull. Mais uma vez a matéria é bem completa no que diz respeito à pesquisa documental e informação vindas de órgãos públicos e estaduais e de fontes oficiais e especialistas.

Apesar de ter sido publicada no dia 13/11/2015 e atualizada no dia 17/11/2015, as informações ainda eram desconhecidas, quanto ao número de mortes e feridos, a causa e causador da tragédia e as consequências para quem atingiu e quem foi atingido pelo rompimento. A única parte que citaram um morador foi quando exibiram um vídeo filmado por ele, mas o morador não foi, sequer, identificado.

E, para finalizar, o G1 tenta retirar a responsabilidade da Samarco pelo crime. Dizendo que “A responsabilidade criminal é mais difícil de ser comprovada. É preciso demonstrar que a conduta de determinado gestor, por exemplo, causou o desastre. E que ele tinha poder de agir para evitá-lo, tendo conhecimento de que iria ocorrer.”

5ª matéria G1: O próximo conteúdo analisado foi publicado na data de 11/12/2015, pouco mais de um mês após o rompimento da barragem. A primeira matéria a ser analisada será a do G1, que se chama “Passado 1 mês de tragédia, corpo é achado em área afetada por lama”. Ela narra sobre os mortos, desaparecidos e a ação judicial contra as empresas responsáveis pela barragem do Fundão.

- Quem apurou a notícia? G1 MG.
- Local de apuração? Indeterminado.

- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Indireta (notícias do Corpo de Bombeiros, equipes de resgate, Polícia Civil, Ministério Público e notas da Vale e Samarco).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Documental (notas das empresas, pesquisa documental sobre o acidente e os processos, fotos de TV Globo, Alexandre Nascimento e Viviane Machado, ambos do G1).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Indeterminada.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

A matéria começa contando as ações das equipes de resgate, dos bombeiros e da polícia para encontrar e reconhecer vítimas ainda não identificadas pelas famílias. Logo em seguida já começa a desenvolver o tema da ação pública promovida contra as empresas Samarco, Vale e BHP, que conta com dados expostos pelo Ministério Público de Minas Gerais acerca das possíveis multas e indenizações que devem ser pagas pela empresa. Essa ação pública, como conta a matéria, foi movida porque a Samarco não havia assinado um termo de conduta para arcar com os atingidos, e o prazo havia vencido.

Diante disso, foram incluídas na matéria, notas explicativas da Vale e Samarco, explicando que iria assinar o termo, mas que precisava de mais tempo para estudá-lo.

O que se percebe neste conteúdo é que o G1 quis ouvir os lados envolvidos na situação, mas, deixando de fora, mais uma vez, os atingidos pelo desastre. O portal deu espaço apenas para as justificativas do Ministério Público e das empresas envolvidas, tentando, mais uma vez, minimizar a parcela de culpa de tais empresas na tragédia.

6ª matéria G1: A próxima delimitação do *corpus* data de, aproximadamente, seis meses após o rompimento da barragem. O G1 publicou uma notícia que diz sobre o turismo na cidade, como percebemos no título “Seis meses após desastre, turismo em Mariana ainda sofre reflexos”.

- Quem apurou a notícia? Raquel Freitas, do G1 MG.
- Local de apuração? Mariana, Minas Gerais.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (guia turístico, presidente da Regional Circuito do Ouro da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH) e secretário adjunto de Cultura e Turismo de Mariana) e indireta (prefeitura de Mariana).

- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Fábio Bento das Dores, Antoninho Tavares dos Santos e José Luiz Papa) e documental (nota da prefeitura de Mariana e fotos de Raquel Freitas).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? As fontes foram ouvidas na cidade de Mariana.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

Mariana sempre foi conhecida como ponto turístico em Minas Gerais. Após o rompimento de uma barragem de minérios em um de seus distritos, o turismo foi prejudicado em grande escala. Esta notícia fala sobre as consequências da baixa turística após seis meses do desastre.

Apesar da cidade não ter sido atingida pela lama, muitas pessoas não tinham conhecimento sobre isso, e, segundo um guia (fonte da reportagem), esse era o maior motivo para a diminuição do turismo na cidade. O presidente da Regional Circuito do Ouro da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH) atribuiu também o fato da crise econômica à essa baixa.

A matéria continua apresentando muitos dados sobre o turismo na cidade antes e pós rompimento da barragem. Mais uma vez a matéria se utilizou de fontes especialistas para falar do assunto, pecando em dar voz para os moradores que também foram afetados pela baixa do turismo.

7ª matéria G1: Após um ano da tragédia que causou um enorme desastre ambiental o G1 publicou a notícia “Tragédia em Mariana completa 1 ano e centenas de moradores protestam”. A matéria contém texto e um vídeo. Diferentemente das outras matérias que contém vídeo, este não será codificado separadamente, pois, o texto é a narração do vídeo. Então, colocando em prática a análise pode-se codificá-la da seguinte forma:

- Quem apurou a notícia? Ricardo Soares e Fabiana Almeida.
- Local de apuração? Bento Rodrigues.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (autores do texto, antiga moradora e coordenadora do Movimento dos Atingidos por Barragens).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Letícia de Oliveira e Hermínia Monteiro).

- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? As fontes foram ouvidas em Bento Rodrigues.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e vídeo.

Em um tom diferente das anteriores, esta reportagem do G1 tem um caráter de dar mais voz aos atingidos pelo desastre. Ela narra sobre as manifestações de 400 pessoas, sendo grande parte pertencentes à cidade de Regência (ES) e ao Movimento Atingidos por Barragens, que percorreram por volta de 700 km para reivindicar melhores condições de saúde e garantia dos direitos humanos aos atingidos. As duas fontes ouvidas são uma atingida e uma coordenadora do Movimento, mostrando que, desta vez, o G1 priorizou dar enfoque à quem sofreu consequências com a tragédia e até mostrou imagens de manifestantes encobertos de lama e carregando uma cruz, simbolizando a tragédia. Para finalizar, o portal conclui que, depois de um ano, o distrito de Bento Rodrigues ainda continua em ruínas. Mas, outra vez, a matéria peca em não citar a Samarco relacionando-a ao desastre.

8ª matéria G1: A última matéria a ser analisada do G1 é um parecer de jornalistas que percorreram o caminho da lama após dois anos do acidente. Com o nome “Lama afeta Rio Doce e os moradores dois anos após tragédia em Mariana”, a reportagem conta com dois vídeos, uma imagem e texto, sendo que o texto é a releitura dos vídeos, sendo assim, os vídeos serão analisados separadamente. O vídeo I mostra os caminhos percorridos em Bento Rodrigues, Paracatu e Cruz do Escalvado, ambos pertencentes à Minas Gerais.

- Quem apurou a notícia? Liliana Junger.
- Local de apuração? Bento Rodrigues, Paracatu e Cruz do Escalvado.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (moradores, especialista da ONG SOS Mata Atlântica, coordenador de projeto Manuelzão, professor da Universidade Federal de Viçosa (UFV), bióloga e coordenador de construções da Samarco) e indireta (dados de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e foto da TV Globo).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Manuel Marcos Muniz, Malu Ribeiro, Marcos Vinícius Polignano, José Celestino de Jesus, Eduardo Moreira, Jorge Dergam, Marta Marcondes e Luciana Gomes) e documental (pesquisa UFMG).

- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Bento Rodrigues, Paracatu e Cruz do Escalvado.
- Linguagem/formato do conteúdo? Vídeo e texto.

O segundo vídeo também possui o texto complementar e foi gravado no Espírito Santo.

- Quem apurou a notícia? Emílio Mansur e Mario Bonella.
- Local de apuração? Regência, Baixo Guandu e Colatina.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (moradores, pescadores, especialista da ONG SOS Mata Atlântica, pesquisadores de diversas universidades e geólogo) e indireta (nota da prefeitura de Colatina e da Fundação Renova).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Sigmar Santos Rocha, Edson Rocha, Onorilda Sfalchim, Malu Ribeiro, Leoni Carlos e Alex Bastos).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Regência, Baixo Guandu e Colatina.
- Linguagem/formato do conteúdo? Vídeo e texto.

A última matéria analisada do G1 relembra a tragédia, revelando imagens de antes e depois em seus vídeos e tem, por finalidade, mostrar como estão as cidades e os atingidos pela lama dois anos após o acidente. Nesta matéria, o G1 conta com o depoimento de diversos especialistas, o que se mostra muito necessário à reportagem, já que se pretende saber quais as condições dos lugares atingidos, do ecossistema e da água do Rio Doce.

Mas, desta vez, o G1 também escuta as reivindicações e as condições de moradores atingidos diretamente pelo desastre. São percorridas cidades e Minas Gerais e Espírito Santo e demonstrados dados e parâmetros futuros sobre a mesma. Mas, outra vez, o G1 sequer cita a Samarco e nem cobra posição da empresa sobre tragédia, ela só é citada para falar de como andam as multas, que havia acabado de começar a ser paga. Para finalizar, moradores e especialistas concluíram o mesmo: não há previsão para a recuperação do Rio Doce.

4.1.2 – MATÉRIAS DO COLETIVO JORNALISTAS LIVRES

1ª matéria Jornalistas Livres: A primeira matéria do Jornalistas Livres data de 06/11/2015. Ela é intitulada de “Minas de tristeza”, e conta um pouco do que era visto após um dia de tragédia.

- Quem apurou a notícia? Caetano Manenti, do Jornalismo em Pé. A notícia é assinada por uma pessoa não pertencente ao coletivo, assim como as fotos.
- Local de apuração? Santa Rita Durão e Bento Rodrigues (distritos de Mariana).
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Indiretamente (foi republicada em 2ª mão). Mas também é direta, pois o autor apurou todas as informações.
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humanas (agentes policiais, bombeiros e uma servidora pública) e documental (oito fotos assinadas por Bruno Bou, do Circuito Universitário de Cultura e Arte da União Nacional dos Estudantes – Cuca da UNE).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Santa Rita Durão e Bento Rodrigues.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

Por mais que seja uma matéria republicada, esta foi a primeira encontrada sobre o assunto no site do Jornalistas Livres. A matéria e as oito fotos são de autoria de pessoas que não pertencem ao coletivo. A matéria em si fala sobre como estava o distrito um dia após à tragédia e narra o resgate de um potro, que estava coberto pela lama. O autor viu todo acontecimento de perto e o fato foi registrado pelo fotógrafo.

Apesar de ser uma matéria que narra um pequeno fato, excluindo, por exemplo, dados e informações detalhadas sobre como aconteceu o desastre, nota-se que há maior preocupação, neste caso, de aproximar o leitor ao lugar dos fatos, contando com um maior número de fontes humanas. Além disso, a matéria faz questionamentos que estavam sem respostas até aquele momento e o autor faz uma crítica sobre a forma como estavam sendo feitos os resgates (naquele momento somente aéreo), já que se havia animais presos à lama poderia também haver pessoas. É uma matéria com mais tom de humanidade do que informativa.

2ª matéria Jornalistas Livres: A segunda matéria veiculada pelo coletivo Jornalistas Livres recebeu o título “Tsunami de Lama”. A matéria, desta vez, é produzida (texto e fotos) por Jornalistas Livres.

- Quem apurou a notícia? Laura Capriglione, enviada especial dos Jornalistas Livres.
- Local de apuração? Arredores de Bento Rodrigues.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (com entrevistas aos moradores e bombeiros) e indiretamente (informações pesquisadas sobre a Samarco e sobre a tragédia na Tailândia e nota da Samarco sobre a tragédia).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humanas (agentes do Corpo de Bombeiros e diversos moradores do distrito de Bento Rodrigues e de cidades/distritos vizinhos) e documental/eletrônica (informações prestadas pela Prefeitura, pela Samarco e fotos assinadas por Gustavo Ferreira, integrante do coletivo).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? As fontes humanas se encontravam aos arredores de Bento Rodrigues.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

Esta matéria tem o caráter de utilidade pública, informando sobre os acontecimentos através de pessoas que se encontravam no local e, sobretudo, de denúncia contra a Vale e a Samarco. O desenrolar do texto tem como foco o questionamento de que os moradores, imprensa e voluntários estavam sendo proibidos de entrar no local para prestar socorro a qualquer tipo de vítima. Além disso, eles não tinham nenhuma informação sobre o número de mortos, feridos. Apenas viam caminhões, carros funerários e helicópteros ultrapassando a área que foi atingida.

O grande ponto é que somente a Samarco podia entrar e sair do local, logo a acusada pela tragédia é quem controlava quem poderia ajudar. Então, a preocupação dos moradores, segundo a matéria, era que a empresa queria cuidar, primeiramente, de sua imagem institucional, e não dos desaparecidos. Quem tentava furar o bloqueio era retirado à força, mas, o final da reportagem mostra que alguns voluntários conseguiram ultrapassar os limites e recuperaram uma cadela, demonstrando que a empresa não estava lá cuidando das vítimas.

3ª matéria Jornalistas Livres: A terceira matéria escolhida do Jornalistas Livres já faz um trocadilho com o título: “As Minas destruíram Gerais”. Estado marcado pela atividade da mineração, Minas Gerais ficou marcado pela tragédia. A matéria conta os relatos de quem assistiu o desastre acontecer.

- Quem apurou a notícia? Fadia Calandrini e Fernando Gentil, para os Jornalistas Livres.
- Local de apuração? Proximidades de Bento Rodrigues.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (com moradores do distrito) e indireta (coletiva de imprensa com autoridades).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humanas (governador de MG – Fernando Pimentel, Elisa Costa, prefeita de Governador Valadares, Gilberto Occhi, Ministro da Integração e o diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) Omir Quintino e diversos moradores, pescadores que foram atingidos pelo desastre) e documental (fotos de Gustavo Ferreira, Olívia Porto Pimentel e Fadia Calandrini).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? As fontes se encontravam em uma coletiva de imprensa na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais e nas proximidades do distrito de Bento Rodrigues.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

A matéria do Jornalistas Livres, neste caso, tem o caráter de demonstrar o depoimento de pessoas que viram todo o acidente, que viram o distrito desmoronar. O começo da matéria é uma crítica ao governo de Pimentel, devido ao fato de que ele apresentou dados superficiais quando indagados pelos pescadores.

Na sequência são entrevistadas seis fontes, entre elas moradores do antigo distrito, pescador e funcionários da Samarco que falaram sobre o que viram, contaram sobre os alertas anteriores sobre possíveis rompimentos e sobre a posição da Samarco. Todas as fontes denunciaram a Samarco como culpada pela tragédia e também denunciavam o descaso da empresa para resolver questões emergenciais.

Ao finalizar, foi questionado o que estava sendo veiculado na mídia tradicional sobre o número de mortos e desaparecidos, que, segundo o Jornalistas Livres, não correspondia aos fatos. E, para concluir, há uma nota com cor e tamanho de fonte diferente dizendo que a Samarco era culpada por toda a tragédia e deveria ser responsabilizada por isso.

4ª matéria Jornalistas Livres: A quarta matéria do Jornalistas Livres faz uma recapitulação sobre o acidente, trazendo, assim como o G1 respostas sobre as dúvidas que ficaram em aberto. Com o título “Entre o luto e a saudade: um panorama do maior desastre ambiental do Brasil”, ela pode ser codificada da seguinte forma:

- Quem apurou a notícia? Caio Santos, para os Jornalistas Livres.
- Local de apuração? Pelo que foi citado na matéria o autor entrevistou moradores de Gesteira, distrito rural no município de Barra Longa e Governador Valadares, ambos em Minas Gerais.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (moradores atingidos, pesquisadores, professores, biólogos e médica).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Claudio da Costa, Marcos Renato, Fernando Pimentel, Francisco Barbosa, Leila Menegasse, Carlos Barreira Martinez, Elisa Costa, Flávia França, Augusto Ruschi e André Ruschi), documental (laudos de companhias de saneamento e notas da Prefeitura de Governador Valadares e da Samarco e fotos de Douglas Resende e Rafael Lage, Augusto Gomes/ Andirá Imagens, Agência Brasil e Foto: Leonardo Merçon – Photography / Instituto Últimos Refúgios).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Segundo dados da reportagem, apenas os moradores e a médica são possíveis de identificar em Gesteira, distrito rural no município de Barra Longa e Governador Valadares, ambos em Minas Gerais.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

Esta matéria, assim como a 4ª publicada pelo G1, tem por foco esclarecer dúvidas sobre as consequências pós-tragédia. Ela contempla vários quesitos como a do portal da Globo, mas é menos completa em relação ao portal, devido ao fato de possuir menos conteúdo. Entretanto, o jornalista se preocupou em fazer as apurações nos locais atingidos e também se preocupou em responder as questões usando tom mais coloquial, mesmo quando entrevistava especialistas.

Assim como a 4ª matéria do G1, esta matéria do Jornalistas Livres não contou com a participação de muitos moradores. Ambas preocuparam em responder perguntas com base na fala de especialistas e/ou fontes especiais, apesar de que o coletivo quis ouvir como a população estava sendo tratada e trata a Samarco, Vale e BHP como culpadas pelo desastre.

5ª matéria Jornalistas Livres: “DO LUCRO À LAMA: uma viagem de Mariana ao fim do mundo” é o nome dado à uma das matérias do Jornalistas Livres, postada pouco mais de um mês após o desastre ambiental em Minas Gerais. O conteúdo desta matéria é vasto, contando com mais de 70 fotos e mais de 30 fontes diretas, entre elas: moradores de diversos locais atingidos pela lama, engenheiros, pesquisadores, representantes de movimentos sociais, geólogo, índios, professores e funcionários da Vale e Samarco. A reportagem possui trechos de várias cidades, caminhos que foram percorridos pelo autor para demonstrar a real situação e dimensão do maior acidente ambiental brasileiro. Como são muitos nomes de fontes e muitas cidades percorridas, não serão citados todos. Serão codificados pelo contexto.

- Quem apurou a notícia? Caetano Manenti, do Jornalismo em Pé, especial para os Jornalistas Livres e Greenpeace Brasil.
- Local de apuração? O autor percorreu todo o caminho da lama de Bento Rodrigues, Minas Gerais até Colatina, no Espírito Santo.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (em maior parte através de relato de pessoas atingidas, mas também por professores, funcionários das empresas envolvidas, índios, representante de movimentos sociais, prefeito, geólogo, pesquisadores, entre outros) e indireta (promotores, órgãos públicos, estaduais, federais, publicações de revistas, etc.).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (em sua maioria, contando com mais de 30 fontes) e documental (laudo do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), notas da Samarco, dissertação de mestrado, publicações em revistas e artigos de institutos).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? As fontes foram ouvidas em todo o percurso feito de Bento Rodrigues até Colatina.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

Essa matéria foi, até agora, a mais completa (dentro do *corpus* da análise). Como dito acima, o autor percorreu todo o caminho atingido pela lama, cruzando os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Neste caminho ele recolheu dados importantíssimos como um documento do MPMG que tinha como preocupação um rompimento da barragem em 2013, e, mesmo assim, a barragem não teve suas ações suspendidas, o que poderia ter impedido o acidente e poupado toda a dor e sofrimento. Além disso, foram feitas inúmeras

críticas, como a Samarco não possuir um Plano de Contingência e não alertar os moradores – via sirene – sobre o rompimento. Foi questionado também a produtividade x capacidade do Fundão, mostrando dados que revelam que a barragem estava trabalhando nos limites máximos de sua capacidade para aumentar os lucros, já que a atividade de mineração havia sofrido baixa no ano anterior. Em alguns pontos, o jornalista foi impedido de entrar, por meio de segurança da Vale, em outras minas, pertencentes à empresa.

Moradores criticaram o atendimento da Samarco às vítimas, e em cidades como Governador Valadares o que se viu foi exatamente isso. A empresa não cumpria com o prometido e a população sofria de todas as formas possíveis com a falta d'água. Na divisa com o Espírito Santo, o autor visitou uma aldeia indígena que tinha o Rio Doce como fonte para sobrevivência, e pode ver o sofrimento daqueles que não sabiam o que fazer e que não eram assistidos pela Samarco.

Já no Espírito Santo, a lama chegou ao mar e diversas espécies de peixes foram mortas, pescadores foram proibidos de exercer suas atividades e a polícia até prendeu algumas pessoas. O que foi relatado de lá é que, mais uma vez, a população e o ecossistema estavam sofrendo com a negligência e a falta de assistência da empresa. Era uma luta diária para, de fato, possuir os direitos básicos necessários à sobrevivência.

Esta matéria deu voz àqueles que precisavam ser ouvidos. É uma matéria humanística, que tem por preocupação informar sobre os males causados pelo desastre e denunciar, mais uma vez, os responsáveis por esse crime.

6ª matéria Jornalistas Livres: Em “Seis meses depois da Tragédia de Mariana, as respostas ainda não foram dadas” (matéria do coletivo Jornalistas Livres) há novas críticas para a Samarco a respeito da negligência com a população.

- Quem apurou a notícia? Isis Medeiros, do Levante Popular da Juventude, especial para os Jornalistas Livres.
- Local de apuração? Mariana, Barra Longa e Bento Rodrigues, ambas em Minas Gerais.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (através de moradores de todos os distritos) e indireta (resultados de reuniões da Samarco com os Movimentos atingidos por barragens e atingidos por mineração).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (mulheres moradoras de distritos atingidos, sendo uma delas nomeada de Raíssa)

e documental (parecer do Ministério Público, pesquisa de dados sobre a destruição e fotos de Isis Medeiros).

- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? As fontes foram ouvidas em Mariana, Barra Longa e Bento Rodrigues.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

A matéria relembra o desastre ambiental e contém dados mais precisos, como o número de 19 mortes. Mais uma vez, o coletivo vem em tom de denúncia e crítica contra a Samarco. A empresa, como conta moradores à reportagem, ainda continuava negligente após seis meses do desastre. A maioria dos depoimentos são de mulheres que relatam o medo e insegurança em suas novas instalações e a vontade de reaver um lar que pode ser chamado de seu.

Além disso, a reportagem conta que aumentaram o número de doenças, as brigas, as tentativas de suicídio e o consumo de álcool no convívio das pessoas atingidas, justificando o abalo mental que estas sofreram. Outro ponto abordado é a questão de distribuição da água, onde são relatadas doenças na pele de quem a consome e aumento na conta de água, repassado aos moradores.

Para finalizar, há outra crítica de que a Samarco estava abandonando as negociações coletivas, deixando a população à mercê da própria sorte. E, concluindo, mais uma vez, o *Jornalistas Livres* trata a Samarco como criminosa.

7ª matéria *Jornalistas Livres*: O *Jornalistas Livres* também publicou uma notícia após um ano do rompimento da barragem. “Povo de luta não esquece crime de Mariana” é uma matéria que compartilha dados com a matéria anterior do G1, já que também fala sobre as manifestações ocorridas naquele dia.

- Quem apurou a notícia? Aline Frazão.
- Local de apuração? Bento Rodrigues.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (antiga moradora, autora do texto e participantes do Movimento dos Atingidos por Barragens).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Integrante, não nomeado, do Movimento dos Atingidos por Barragens e Hermínia Monteiro) e documental (fotos de Gustavo Miranda e Lidyane Ponciano/Sind-UTE MG e CUT Minas).

- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Bento Rodrigues.
- Linguagem/formato do conteúdo? Texto e fotos.

A matéria narra as manifestações após um ano do desastre ambiental. Ex-moradores de Bento Rodrigues, ativistas do Movimento dos Atingidos por Barragens e pessoas que solidarizam com o caso fizeram uma marcha com encenações até Bento Rodrigues, para reivindicar justiça e melhores condições de vida aos atingidos. As fotos conseguem traduzir bem este momento. Apesar de consultar fontes que foram, de alguma forma, atingidas pela tragédia, o enfoque do texto é o relato da autora, ao percorrer a marcha junto aos manifestantes, mostrando o que se via do distrito.

A diferença desta matéria com a 7ª publicada pelo G1 é que, ao final, ela conta que os manifestantes foram protestar em frente à sede da Samarco, e, a narrativa deixa claro que consideram a Samarco culpada por todo o desastre, pois, naquele momento, a empresa estava providenciando a construção de uma represa para conter acidentes, algo que já deveria ter sido feito antes, como contou a autora.

8ª matéria Jornalistas Livres: Como o próprio título já diz, após dois anos o que se pode presumir é que a população ainda está sedenta por justiça. “Desastre de Mariana: resistência e sede de justiça” é a última matéria a ser analisada nesta pesquisa e foi publicada pelo coletivo Jornalistas Livres.

- Quem apurou a notícia? Josué Gomes, para Jornalistas Livres.
- Local de apuração? Mariana.
- Forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente)? Direta (moradores, ativistas do Movimento dos Atingidos por Barragens, advogado e presidente da ONG Associação Pachamama).
- Fontes: a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica)? Humana (Efigênia Caribina, Sôniâmara Maranhão, Graziela Astreia e Lafayette Novaes) e documental (fotos de Josué Gomes).
- A posição das fontes no contexto dos acontecimentos? Não é possível presumir todas, mas a maioria estava em Mariana.
- Linguagem/formato do conteúdo? Fotos e texto.

Após dois anos do maior desastre ambiental do Brasil, o autor acompanhou, de perto, um evento de dois dias que contava com diversas atividades na cidade de Mariana. Ex-

moradores de Bento Rodrigues, integrantes do Movimento dos Atingidos por Barragens e demais pessoas participaram de uma marcha proferindo palavras de ordem e clamando que a justiça fosse feita e que os culpados fossem responsabilizados. A notícia, além de trazer crítica à impunidade da Samarco também traz crítica à Justiça brasileira, que ainda não finalizou os processos contra os responsáveis. O autor finaliza lembrando que a união das pessoas está gerando um maior respeito à natureza.

A reportagem ouviu fontes especialistas e moradores, mas, o seu foco principal, é a narração do ponto de vista do autor, que também fotografou imagens que ajudam a traduzir o que clamam o povo.

4.2 – ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo das coberturas – sobre a tragédia em Bento Rodrigues – realizadas pelo portal G1 e Jornalistas Livres será feita, agora, de modo comparativo. Para a comparação serão utilizados três sistemas, explicados anteriormente, que são:

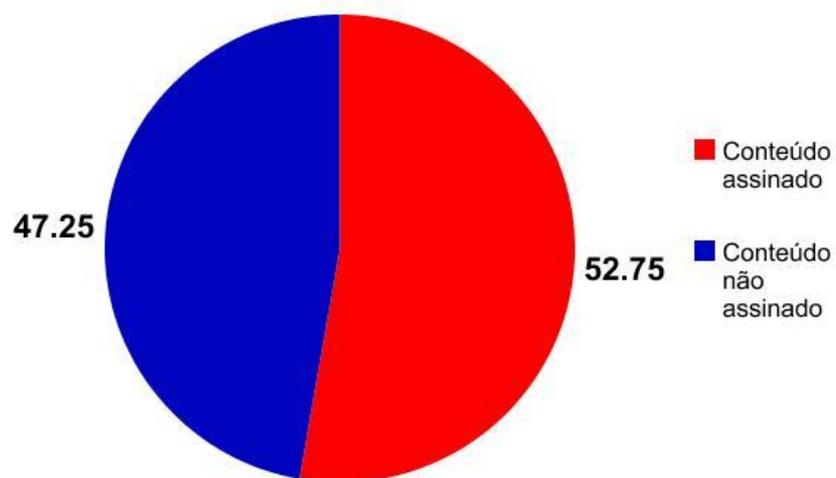
- I. Contexto de produção noticiosa;
- II. Fontes;
- III. Formato apresentado pelo conteúdo.

A partir da codificação acima, podemos obter conteúdos e dados necessários para traduzir o que foi diagnosticado nesses sistemas através de gráficos comparativos.

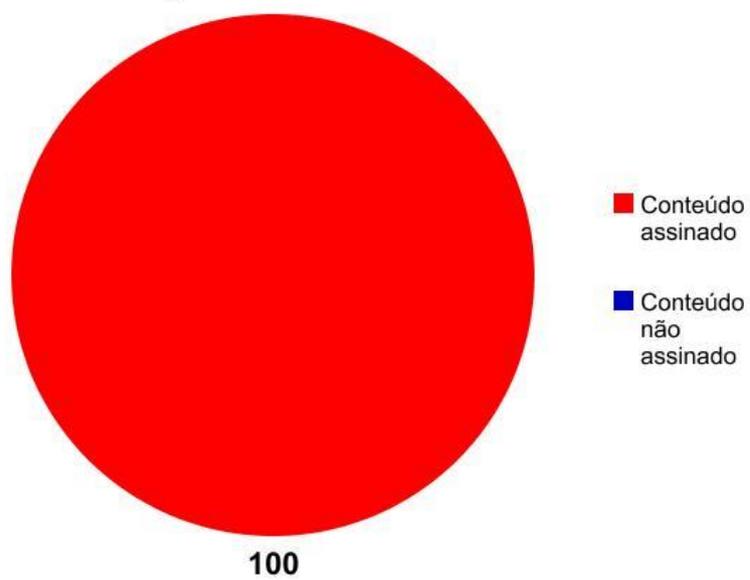
- I. Contexto de produção noticiosa

O sistema de contexto de produção noticiosa agrupou as categorias de apuração, local de apuração e a forma de obtenção das informações. Após a codificação dos dados das oito matérias de cada objeto, foi possível obter tais estatísticas:

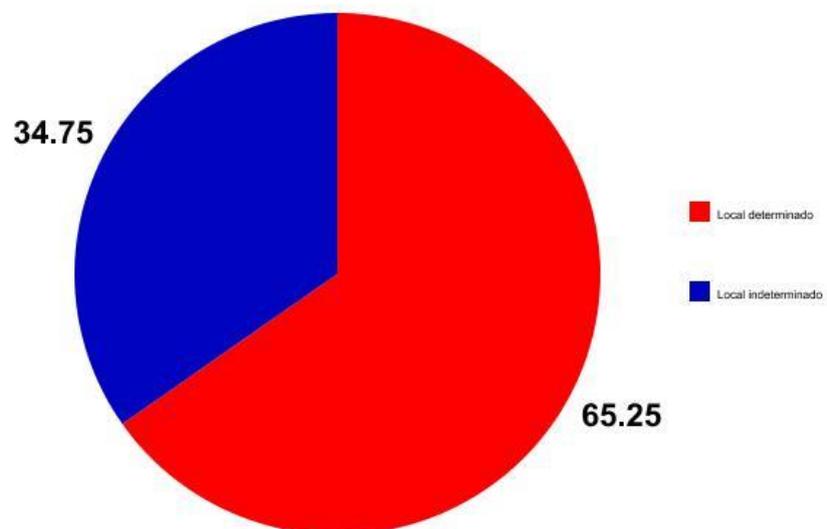
Categoria contexto - G1



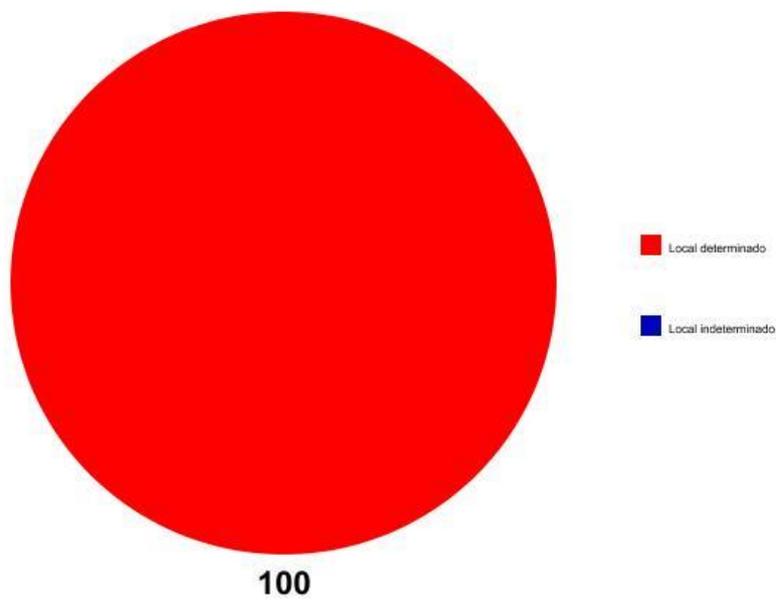
Categoria contexto - Jornalistas Livres



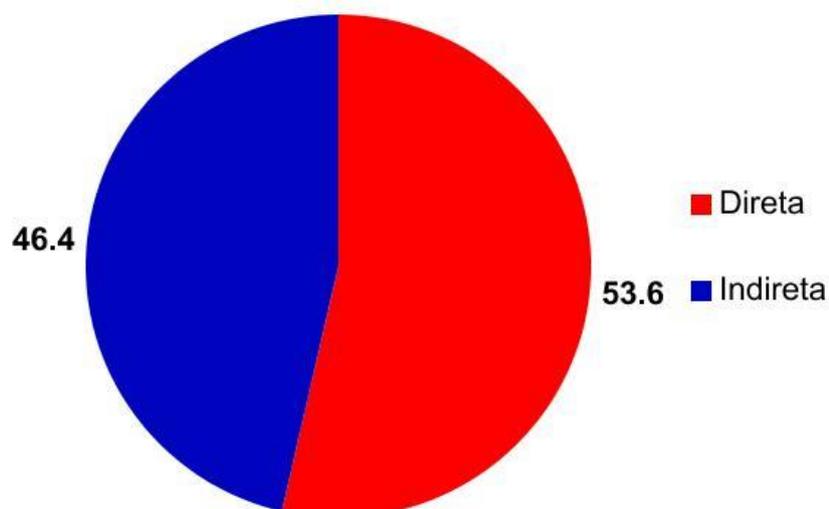
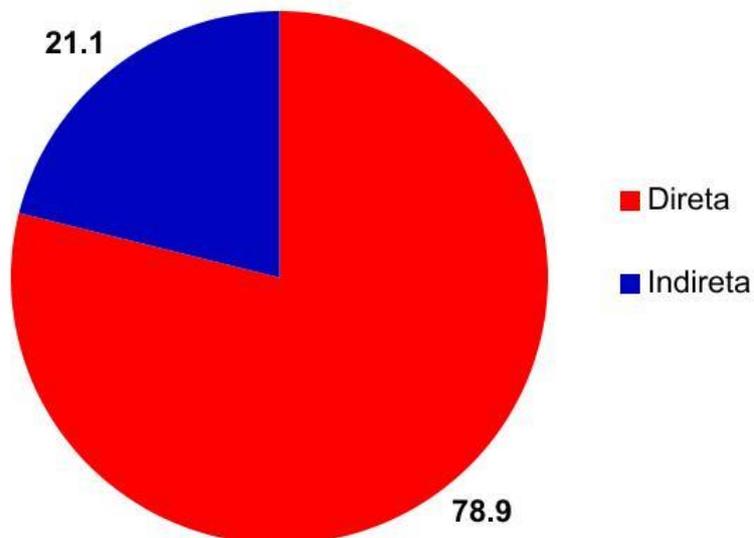
Local de apuração - G1



Local de apuração - Jornalistas Livres



Forma que a informação foi recebida - G1

Forma que a informação foi recebida -
Jornalistas Livres

É de extrema importância para o jornalismo que todas as matérias produzidas possuam um modo de identificação para que reconheçamos as suas marcas de apuração. Afinal, presenciamos, cada vez mais, números crescentes de notícias falsas circulando, principalmente, pela internet. De acordo com Santi (2009), a internet possibilitou aos jornalistas uma busca de informação em todo o mundo, o que auxilia o processo de produção de conteúdo em qualquer lugar onde o jornalista esteja. Mas, essa mesma

internet pode desqualificar um trabalho jornalístico quando não são encontradas todas as informações necessárias que comprovem a apuração dos fatos.

Observando os dados acima, notamos uma diferenciação de uma cobertura dos fatos em detrimento a outra.

Neste caso, o G1 pode ser questionado quanto a apuração dos fatos noticiados pelo portal. Como mostrado acima, 47.25% das reportagens analisadas não possuem assinatura da pessoa que apurou as informações e a converteu em notícias. Enquanto isso, o coletivo dos Jornalistas Livres possui todas suas notícias assinadas – mesmo quando são republicadas – atribuindo crédito a quem escreveu.

Outro critério avaliado no contexto de produção noticiosa foi se é possível diagnosticar a mobilidade do autor para o local onde aconteceram os fatos. Mais uma vez o coletivo mostra o seu alto nível de apuração, já que, em todas as matérias analisadas, foi possível perceber que os autores se encontravam nos caminhos onde a tragédia aconteceu, fato que só foi verificado em 65.25% nas matérias do G1.

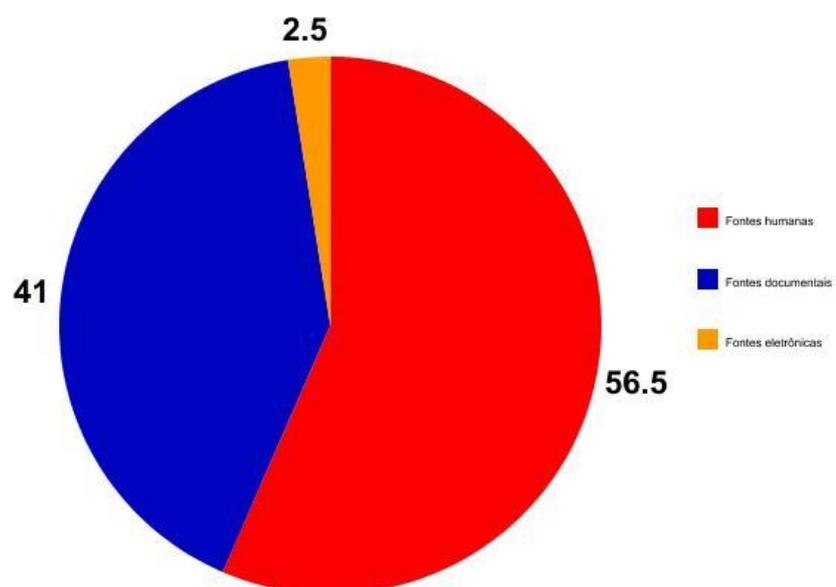
As formas como as informações são recebidas também são importantes para a credibilidade e a consistência dos dados. Tais informações podem ser recebidas de maneira direta – através de entrevistas, por exemplo – ou indireta – por meio de dados já existentes. Mais uma vez, o Jornalistas Livres saiu muito à frente do G1 buscando trazer, em seus conteúdos, informações diretas, do contato com fontes exclusivas.

Portanto, comparando as duas coberturas no contexto de produção noticiosa, o Jornalistas Livres se mostra mais comprometido a mostrar como construiu seus conteúdos; enquanto o G1 lança algumas notícias sem marcas de apuração.

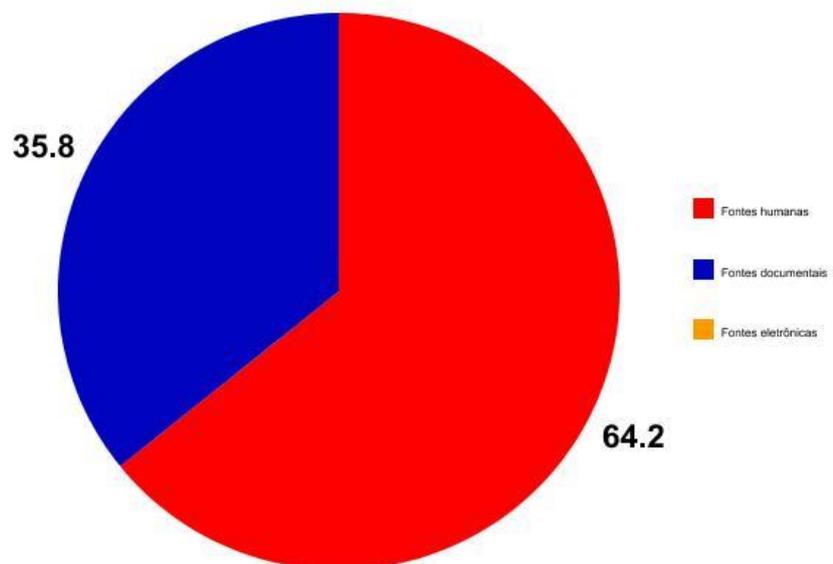
II. Fontes

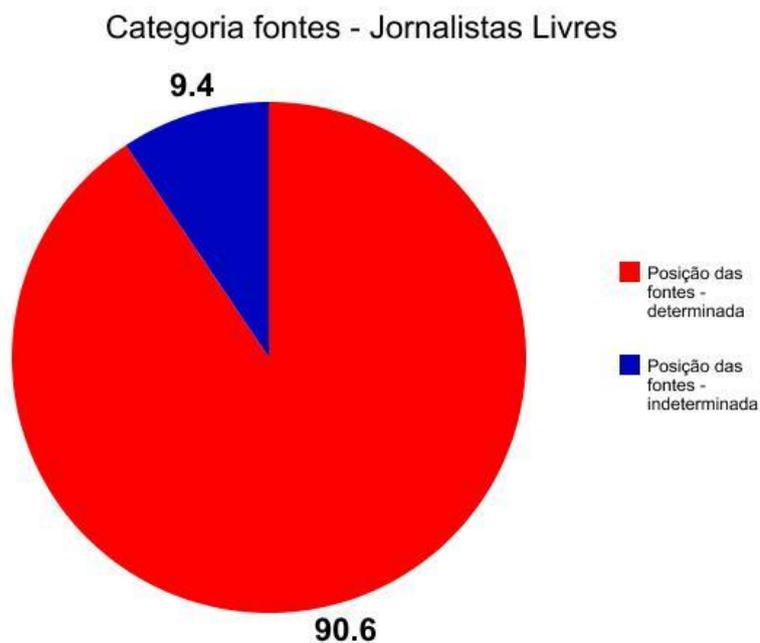
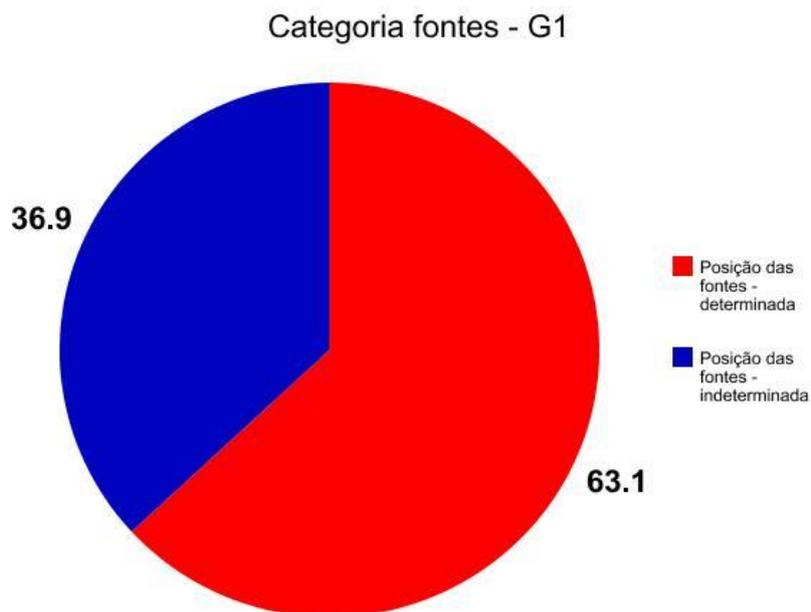
O sistema de análise denominado fontes nos possibilitará a inferir sobre quais fontes foram consultadas e em que locais elas se encontravam no momento das apurações. Para isso, construímos gráficos sobre a natureza das fontes (humanas, documentais ou eletrônicas) e posição das fontes (se os locais onde elas se encontravam foram determinados ou não nos conteúdos).

Categoria fontes - G1



Categoria fontes - Jornalistas Livres





Um processo fundamental para a produção de conteúdo é a consulta às fontes. São elas que irão dar as informações necessárias para guiar o jornalista a construir suas matérias. E, também são elas que atribuem caráter de veracidade e credibilidade à informação veiculada.

Já antecipamos, anteriormente, que no caso da cobertura da tragédia de Bento Rodrigues, o G1 consultou um maior número de fontes especialistas, enquanto o Jornalistas Livres procurou ouvir aqueles que foram afetados, de alguma forma, pelo desastre.

Agora, temos os dados que mostram que, apesar do número próximo de fontes humanas consultadas em cada cobertura, o Jornalistas Livres, realmente, procurou ouvir informações de mais pessoas em relação ao G1. Enquanto isso, o portal da Globo se apoiou em mais pesquisas documentais e eletrônicas do que o coletivo.

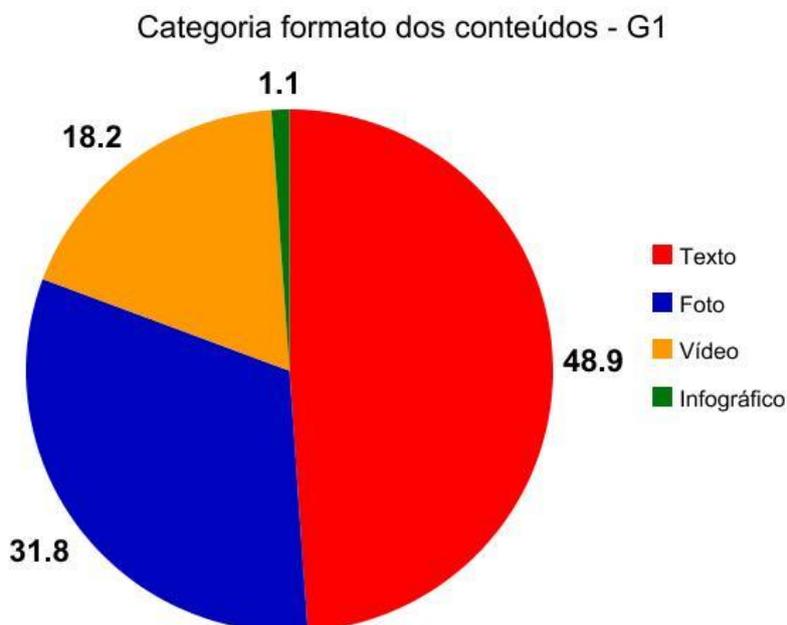
Estes números nos mostram que o Jornalistas Livres apostou na ideia de ouvir mais a população, enquanto o G1 também ouviu a população, mas, deu mais ênfase às informações prestadas por autoridades e/ou fontes oficiais.

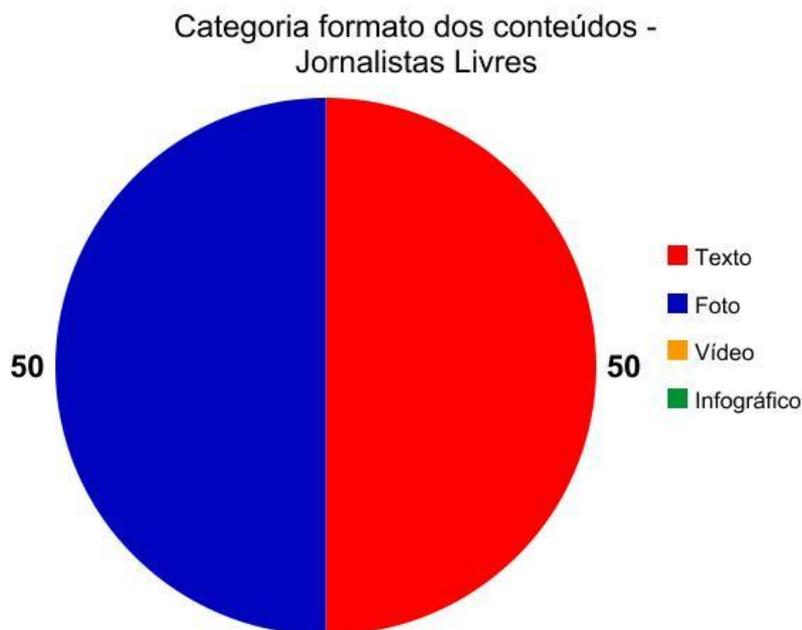
Quanto ao que diz respeito se as fontes ouvidas são localizadas no espaço, o Jornalistas Livres demonstra que fez questão de dizer onde suas fontes estavam, como um número bem superior ao G1. Essa localização permite que outras pessoas reconheçam quem está falando, de onde está falando; reconheçam a posição e importância da fonte no contexto apresentado. Concluindo, é importante que as coberturas jornalísticas nos mostrem quem está nos dizendo aquelas informações e de onde essas fontes estão contando os dados.

Neste caso, o coletivo Jornalistas Livres deu nome e posição às suas fontes, aproximando o leitor do emissor.

III. Formatos dos conteúdos

Outro fator interessante de análise das coberturas jornalísticas é sobre os formatos que nos são apresentadas as reportagens. Após a codificação das notícias utilizadas nesta pesquisa obtemos estes dados sobre os formatos das duas mídias:





Os formatos que são apresentados os conteúdos também nos conta, um pouco, sobre a produção noticiosa. Foram observados quatro tipos de formatos na cobertura analisado do G1: texto, foto, vídeo e infográfico. Enquanto o Jornalistas Livres nos apresentou apenas texto e foto.

Vale lembrar que o G1 é o maior portal de comunicação da internet brasileira, então não é de se estranhar que ele possua mais recursos para produções diferentes. Os vídeos divulgados pelo portal, em sua maioria, são pertencentes aos telejornais da emissora. Sendo assim, poucos foram produzidos exclusivamente para a cobertura da internet.

Já as fotos recebem um tratamento diferenciado. O G1 divulga muita foto reprodução e de agências, enquanto o Jornalistas Livres possui fotos dos autores responsáveis pelo texto.

Os textos também se diferenciam na maneira da escrita, o G1 traz notícias mais formal, enquanto o coletivo utiliza a linguagem formal, mas de uma forma mais humanística, narrando o percurso percorrido pelos autores dos textos.

As coberturas jornalísticas realizadas pelos sites se mostram diferentes em vários aspectos, como demonstrado acima. E, um fator interessante de se lembrar é que, em nenhum momento analisado, o G1 busca cobrar ou apontar os culpados pelo crime. Já o Jornalistas Livres se mostra empenhado em fazer com que esse desastre não seja

esquecido, sempre buscando justiça aos atingidos e culpando as empresas responsáveis pela barragem.

Logo, por mais que ambas as coberturas tenham sido satisfatórias em critério de repassar informações ao leitor, muitas vezes o G1 negligenciou alguns fatores importantes para a construção de notícias de qualidade que tratem do real problema enfrentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo da comunicação é muito vasto, podendo ser exploradas várias temáticas e aplicar as temáticas em diferentes vertentes. Esta pesquisa buscou explorar um tema de caráter jornalístico aplicado à um desastre ambiental. Sendo assim, foram escolhidos dois objetos de estudos – o G1, representando a mídia comercial/hegemônica e o coletivo Jornalistas Livres, representante da mídia alternativa – para analisar se a cobertura realizada por ambos teve alguma diferenciação quanto à tratamento, imparcialidade e, sobretudo, conteúdo.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², em 2012, apenas 11,8% das cidades brasileiras tinham um plano de emergência para desastres ambientais. Nas cidades com mais de 500 mil habitantes a proporção se elevava para 50%. Além disso, a mesma pesquisa demonstrou que pouco mais dos 50% municípios do país (dos 5.565 existentes na época) possuíam legislação específica para a questão ambiental naquele ano. Isso demonstra que, apesar das questões ambientais terem ganhado muito espaço nos últimos anos, a maioria do país ainda não está preparado para a ocorrência de desastres que se relacionam às questões ambientais. Fato este que ficou comprovado com o rompimento da barragem da Samarco no distrito de Bento Rodrigues (que pertence a cidade de Mariana) em Minas Gerais.

Tal desastre tomou proporções inesperadas e, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU)³, o Brasil está entre os 10 países com maior número de afetados por desastres nos últimos 20 anos, tendo assim sofrido com grandes perdas de recursos sociais, humanos e econômicos.

O primeiro capítulo da presente pesquisa retoma o caminho exercido pela mídia para se tornar uma grande detentora de poder na sociedade atual. É também neste capítulo que são apresentados os conceitos de mídia comercial e alternativa, mostrando suas diferenças. Outro ponto abordado é como a internet ajudou na propagação de notícias, como neste caso, onde foram analisadas a cobertura em sites.

² <https://noticias.terra.com.br/ciencia/sustentabilidade/meio-ambiente/ibge-118-das-cidades-tem-plano-de-emergencia-para-desastres-ambientais,bf1ebf91e91af310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>

³ <https://nacoesunidas.org/onu-brasil-esta-entre-os-10-paises-com-maior-numero-de-afetados-por-desastres-nos-ultimos-20-anos/>

O segundo capítulo fala basicamente da importância do jornalismo ambiental no momento em que vivemos. É impressionante que os dados deste capítulo mostram que este tipo de jornalismo é mais divulgado em momentos que acontecem acidentes ambientais, como é o caso da pesquisa.

O terceiro capítulo é responsável pela descrição do G1 e do coletivo Jornalistas Livres e também da metodologia de análise de conteúdo e do protocolo utilizado para codificar as matérias, transformando-as em dados mais objetivos para o leitor.

Por fim, temos o quarto capítulo, que é, de fato, o capítulo de análise de conteúdo das coberturas. Foram selecionadas oito matérias de cada objeto, aproximando, ao máximo as datas e assuntos das mesmas para que não houvesse diferenciação no resultado da análise.

Quantitativamente o G1 possui um número exorbitantemente maior de notícias, sendo 103 páginas, contra apenas 6 do Jornalistas Livres.

Mas, o foco da pesquisa é analisar qualitativamente. Após codificar, ler, reler e analisar as matérias do *corpus*, o que se percebe é que o coletivo Jornalistas Livres apresentou mais coesão ao reportar o assunto em diversas vertentes. No critério de contexto de produção noticiosa, o coletivo mostrou todos os dados de apuração necessários, como assinatura do autor, local de apuração e forma como a informação foi obtida, enquanto o G1 não apresentou muito desses dados. O que pode fazer com que a cobertura veiculada em seu portal seja criticada em relação aos reais dados de apuração, podendo, assim, surgir dúvidas sobre a reputação do site.

Em relação à categoria de fontes, novamente, o coletivo se mostrou mais eficaz em revelar quem eram suas fontes e onde elas se encontravam no momento da entrevista, coisa que o G1 não se preocupou em traduzir para os leitores.

O coletivo foi o único que cobrou por justiça aos moradores e, saiu à frente do G1 por dar voz às pessoas negligenciadas, enquanto o portal da Globo tendia a dar maiores explicações de especialistas e/ou fontes oficiais. Outro fator interessante é que o coletivo mostrou maior responsabilidade ao identificar a presença da garantia de diversidade cultural, social, regional e de percepções da realidade que devem ser utilizadas durante uma cobertura.

Já em relação aos formatos apresentados, ambas as coberturas apresentaram textos e fotos, e o G1 apresentou alguns vídeos e infográfico. Apesar de apresentar mais formas de conteúdo, devido à sua capacidade de poder de aquisição de equipamentos, o G1 apresenta imagens e vídeos veiculados em outros canais, ou seja, ele adiciona conteúdos

produzidos para outras plataformas em sua cobertura. O Jornalistas Livres também apresenta fotos de outras pessoas, mas, em sua maioria, as fotos apresentadas são dos autores dos textos, o que nos ajuda a identificar o que está sendo narrado, já que as fotos condizem com os momentos do texto.

E, o mais impressionante é que, em nenhum dos conteúdos analisados o G1 responsabilizou a Samarco, Vale e/ou BHP Billiton sobre o crime. As empresas foram citadas quando se falava em multas e medidas que estavam tomando. Ao contrário disso, o Jornalistas Livres, estampou em suas notícias que as empresas eram as reais responsáveis pelo desastre e que deveriam ser punidas por tal crime.

Portanto, pode-se inferir que o tratamento utilizado na cobertura por ambas as mídias se diferenciam, sendo que o Jornalistas Livres promoveu conteúdos mais humanísticos, que priorizavam os negligenciados, culpando os responsáveis, sem deixar de apresentar dados sobre os problemas pós-rompimento e sem deixar de mostrar todos os passos utilizados para a construção da sua cobertura; enquanto o G1 se preocupou muito em demonstrar dados de especialistas sobre o acidente e suas consequências, deixando de lado alguns fatores que servem para diagnosticar uma cobertura jornalística de maior qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Livia Moreira. **Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões**. Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política. São Paulo, v. 8, n.23, 2015.

ATTON, Chris; HAMILTON, James F. **Alternative Journalism**. Londres: SAGE Publications Ltd, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BELMONTE, Roberto Villar. **História do jornalismo ambiental brasileiro**. Alcar 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-do-jornalismo/historia-do-jornalismo-ambiental-brasileiro/view>>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara, 2007.

CARVALHO, Guilherme; BRONOSKY, Marcelo. **Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital**. Pauta Geral - Estudos em Jornalismo. Vol. 4, no 1, 2017, p. 21 a 29. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10007/5830>>. Acesso em 22 de setembro de 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. ZAHAR, 2013.

CASTILHO, Carlos. **Convergência Multimídia**. Assesc, Santa Catarina, 2007. Disponível em: <<http://jol-assesc.blogspot.com.br/2007/04/aula-do-dia-254-convergencia-multimidia.html>>. Acesso em 30 de agosto de 2017.

COLOMBO, Macri. **Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2010, Caxias do Sul-RS. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2674-1.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

COUTINHO, Iluska; MARINO, Caroline. **Ambiente digital como possibilidade para o exercício da contra-hegemonia: Jornalistas Livres, transmissões ao vivo e #GreveGeral**. Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol. 4, n.1, p.30-52, Jan/Jun 2017. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10010/5815>>. Acesso em 22 de setembro de 2017.

DE MORAES, Dênis. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia:** a contribuição teórica de Gramsci. Porto Alegre, RS. *Revista Debates*, v. 4, n.1, p. 54-77, jan-jun. 2010.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical:** rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

GALILEU, Revista. **CMI:** o coletivo que fundou o ativismo digital. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI341647-17773,00-CMI+O+COLETIVO+QUE+FUNDOU+O+ATIVISMO+DIGITAL.html>>. Acesso em 29 de agosto de 2017.

GÓES, Laércio Pedro Torres. **A mídia alternativa dos movimentos sociais na Web. I** Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, ocorrido na Universidade Federal da Bahia – Salvador-BA, 2006. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2010/11/Goes_2006.pdf>. Acesso em 29 de agosto de 2017.

GOMES, Aline Antunes; LIMA Luciano de Almeida; RADATAZ, Vera Lucia Spacil. **Sociedade da informação:** os movimentos sociais em rede como instrumentos para a democracia no Brasil. Revista eletrônica do curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria, RS, v. 10, n. 1 / 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/17897/pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2017.

JOHN, Liana. **Imprensa, Meio Ambiente e Cidadania.** In: Revista Ciência e Ambiente. Santa Maria: UFSM, v. 23, julho/dezembro, 2001.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira.** São Paulo: Escrita Editorial, 1991. Disponível em: <http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf>. Acesso em 03 de outubro de 2017.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LIVRES, Jornalistas. **Quem somos.** Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>>. Acesso em 29 de agosto de 2017.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua:** ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.

MENEZES, Cristiane Penning Pauli; NEDEL, Nathalie Kuczura. **Os movimentos sociais contemporâneos e as novas dimensões da política:** o ciberativismo e sua importância no cenário brasileiro. XII Seminário Nacional - Demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea. Mostra Nacional de trabalhos científicos, 2016. Disponível em:

<<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/14558/3342>>. Acesso em 06 de setembro de 2017.

PAIVA, Cláudio. **D@niel na cova dos leões: Mídia Ninja no programa Roda Viva**. In: BARRETO, Emília. et al. (Org.). *Mídia, tecnologia e linguagem jornalística*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014, p. 10-25.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Reelaboraões no setor. *Revista Palavra Clave*, Vol 11, No 2 (2008), Universidad de La Sabana. Colombia. Disponível em: <<http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>>. Acesso em 01 de outubro de 2017.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Desafios da comunicação popular e comunitária na cibercultur@**: aproximações à proposta de comunidade emergente de conhecimento local: Ofícios Terrestres: *Revista de Ciencias Sociales desde la Comunicación y la Cultura (UNLP)*, v. n. 27, p. 1-24, 2011. Disponível em: <<http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/oficiosterrestres/article/viewFile/1250/1142>>. Acesso em 01 de outubro de 2017.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou” (?)**. *Revista Matrices (online)*, v. 7, n. 2, p. 73-93, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrices/article/view/69407>>. Acesso em 01 de outubro de 2017.

SANDER, Debora Smith. **Jornalismo e a representação do outro: o muçulmano na cobertura dos atentados terroristas em Paris no jornal Folha de S. Paulo**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/169438>>. Acesso em 01 de novembro de 2017.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. **O processo de apuração no webjornalismo de quarta geração**. *Revista Eco-Pós da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/939/879>. Acesso em 21 de novembro de 2017.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. **Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico**, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/viewFile/7936/7333>>. Acesso em: 06 de setembro de 2017.

TERRA, Portal. **IBGE: 11,8% das cidades têm plano de emergência para desastres ambientais**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/ciencia/sustentabilidade/meio-ambiente/ibge-118-das-cidades-tem-plano-de-emergencia-para-desastres->

ambientais.bf1ebf91e91af310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

UNIDAS, Organização das Nações. **ONU:** Brasil está entre os 10 países com maior número de afetados por desastres nos últimos 20 anos. 2015. Disponível em: <
<https://nacoesunidas.org/onu-brasil-esta-entre-os-10-paises-com-maior-numero-de-afetados-por-desastres-nos-ultimos-20-anos/>>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.